

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JORDANA DIAS DUARTE E BRITO

**CULTURA E PODER: A DISSEMINAÇÃO DA FRANCOFONIA COMO MEIO DE
FORTALECIMENTO DO *SOFT POWER* FRANCÊS**

**GOIÂNIA
2020**

JORDANA DIAS DUARTE E BRITO

**CULTURA E PODER: A DISSEMINAÇÃO DA FRANCOFONIA COMO MEIO DE
FORTALECIMENTO DO *SOFT POWER* FRANCÊS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito e Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Aline Tereza Borghi Leite

**GOIÂNIA
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA

Brito, Jordana Dias Duarte e. 1998.

Cultura e poder: a disseminação da francofonia como meio de fortalecimento do *soft power* francês / Jordana Dias Duarte e Brito. – Goiânia [S.n.], 2020.
62 p.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Tereza Borghi Leite
Trabalho de conclusão de curso (bacharelado – Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito e Relações Internacionais, Goiânia, 2020.

1. França 2. Francofonia. 3. *Soft power*. 4. Cultura. 5. Diplomacia cultural. I. Brito, Jordana Dias Duarte e. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Cultura e poder: a disseminação da francofonia como meio de fortalecimento do *soft power* francês.

FOLHA DE APROVAÇÃO

JORDANA DIAS DUARTE E BRITO
CULTURA E PODER: A DISSEMINAÇÃO DA FRANCOFONIA COMO MEIO DE
FORTALECIMENTO DO *SOFT POWER* FRANCÊS

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito e Relações
Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Aline Tereza Borghi Leite

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline Tereza Borghi Leite

Prof. Me. Giovanni Hideki Chinaglia Okado

Prof. Dr. Pedro Araújo Pietrafesa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por toda a força e sabedoria para enfrentar minha jornada acadêmica. Agradeço aos meus pais, Divina e Celso, que sempre me apoiaram e ampararam durante todo o processo deste trabalho e por toda dedicação depositada em mim durante meus quatro anos de graduação. Agradeço ao meu irmão, Celso, por sempre me motivar e reconhecer meu esforço, nos momentos mais difíceis. Agradeço aos meus familiares que, mesmo de longe, sempre torceram para meu sucesso.

Agradeço às minhas amigas e colegas de curso, em especial à Ana Carolina, Ludmilla e Mirelle, por me acompanharem nessa aventura e por nunca medirem esforços em me ajudar. Também agradeço às minhas amigas de Catalão, em nome de Bruna e Fernanda, por se fazerem presentes, mesmo distantes, e torcerem por mim em todos os momentos.

A todas as minhas amigas de Goiânia, minha eterna gratidão, especialmente Brunna, Isabelly e Maria Amélia, que estiveram comigo durante os melhores e piores momentos da graduação e, o mais importante, sempre acreditaram que eu fosse capaz, mesmo quando eu não acreditei.

Agradeço às minhas irmãs da Ordem das Filhas de Jó Internacional, em particular Amanda, Laysa e Julianna, por toda a paciência comigo e por sempre se manterem dispostas a me ajudar durante esse período de finalização de curso.

Por fim, agradeço aos professores do curso de Relações Internacionais da PUC Goiás, por todos esses anos de aprendizagem e pela grande contribuição em minha vida acadêmica, profissional e mesmo pessoal.

RESUMO

A língua é um importante vetor de poder e valor para um país, podendo ser englobada dentro do aspecto cultural. Essa noção de poder está contida no conceito de *soft power*, que prevê a capacidade de influência que um país pode ter sobre outro através de aspectos considerados “brandos”, como a cultura. Através da metodologia qualitativa, pretende-se examinar neste trabalho a forma como a disseminação da francofonia desempenha um papel de importância para a construção de poder da França, já que essa ação é tratada como prioridade pela diplomacia francesa, significando que sua diplomacia cultural e *diplomatie d'influence* – seu mecanismo próprio de poder – são estruturadas para garantir a valorização da língua francesa no estrangeiro. Esta monografia insere-se no campo de estudo que intersecciona cultura e política internacional. O estudo a respeito da francofonia foi empregado com o propósito de ilustrar a forma como a cultura francesa foi disseminada mundialmente como um componente estratégico do Estado francês que conseguiu estabelecer sua influência, principalmente nos países em que se faz presente. Sendo assim, será possível estabelecer uma relação entre cultura e poder e apresentar a função da língua enquanto meio de transmissão cultural, através da análise do caso francês.

Palavras-chave: França; francofonia; *soft power*; cultura; diplomacia cultural.

RÉSUMÉ

La langue est un important vecteur de pouvoir et valeur pour un pays, et peut être incorporée dans l'aspect culturel. Cette notion de pouvoir est présente dans le concept de *soft power*, qui prévoit la capacité d'influence qu'un pays peut avoir sur l'autre par les aspects considérés « doux », comme la culture. En utilisant la méthodologie qualitative, cette étude vise à examiner comment la dissémination de la francophonie joue un rôle d'importance pour la construction de pouvoir de la France, lorsque cette action est considérée comme une priorité par la diplomatie française, ça signifie que sa diplomatie culturelle et diplomatie d'influence – son outil propre de pouvoir – sont structurées afin d'assurer la valorisation de la langue française ailleurs. Cette monographie est insérée dans le domaine d'étude qui intègre culture et politique internationale. L'étude concernant la francophonie a été utilisée avec le but de d'illustrer comment la culture française a été diffusée globalement comme un composant stratégique d'État français qui a réussi à établir son influence, surtout dans les pays où elle est présente. Donc, sera possible établir une relation entre culture et pouvoir et présenter le rôle de la langue comme un moyen de transmission culturelle, à partir de l'analyse du cas français.

Mots-clés: France; francophonie; *soft power*; culture; diplomatie culturelle.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Prédio da Aliança Francesa de Paris em 1920.....	37
FIGURA 2 – As Alianças Francesas no mundo.....	39
FIGURA 3 – Mapa da Fracofonia.....	44
FIGURA 4 – Certificados de francês.....	47

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Recursos de <i>Hard Power</i> e <i>Soft Power</i>	24
TABELA 2 – Resultados da França no <i>Soft Power</i> 30 em 2017.....	34
TABELA 3 – Resultados da França no <i>Soft Power</i> 30 em 2019.....	35
TABELA 4 – Resultados da França no QNI.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCT – Agência de Cooperação Cultural e Técnica

AEFE – Agência para o Ensino Francês no Exterior

AF – Aliança Francesa

AUF – Agência Universitária da Francofonia

AUPELF – Associação das Universidades Parcialmente ou Inteiramente em Língua Francesa

CONFEMEN – Conferência dos Ministros da Educação Nacional dos Países Francófonos

DALF – Diploma Aprofundado em Língua Francesa

DELF – Diploma de Estudos em Língua Francesa

DGM – Direção Geral da Mundialização da França

FEI – *France Expertise Internationale*

IRIS – Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas da França

MEAE – Ministério da Europa e das Relações Exteriores da França

OIF – Organização Internacional da Francofonia

ONU – Organização das Nações Unidas

QNI – *Quality of Nationality Index*

TCF – Teste de Conhecimento do Francês

TEF – Teste de Avaliação do Francês

UIJPLF – União Internacional dos Jornalistas de Imprensa de Língua Francesa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CULTURA E PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS E SIGNIFICADOS.....	13
1.1 ESTUDOS CULTURAIS: A CULTURA COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA.....	13
1.2 LINGUAGEM: REPOSITÓRIO DE VALORES CULTURAIS E SIGNIFICADOS.....	17
1.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS E PODER.....	19
2 POLÍTICA INTERNACIONAL E <i>SOFT POWER</i>: A CULTURA COMO UM INSTRUMENTO DE PODER FRANCÊS A PARTIR DA DIPLOMACIA CULTURAL.....	23
2.1 POLÍTICA INTERNACIONAL E <i>SOFT POWER</i>	23
2.1.1 Diplomacia Cultural.....	26
2.1.2 Cultura Estratégica.....	30
2.2 <i>SOFT POWER</i> « À LA FRANÇAISE ».....	31
2.3 OS VALORES CULTURAIS FRANCESES COMO RECURSOS ESTRATÉGICOS DE PODER.....	33
2.3.1 Centros culturais franceses.....	36
3 A DISSEMINAÇÃO DA FRANCOFONIA COMO MEIO DE FORTALECIMENTO DO <i>SOFT POWER</i> FRANCÊS.....	41
3.1 O CONCEITO DE FRANCOFONIA.....	41
3.2 FRANCOFONIA COMO INSTITUIÇÃO.....	43
3.2.1 O reflexo histórico da francofonia para a França.....	44
3.2.2 A contribuição da OIF para a francofonia.....	48
3.3 A LÍNGUA FRANCESA COMO VETOR DE PODER EM DESENVOLVIMENTO.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	59

INTRODUÇÃO

Durante sua campanha para reeleição à Presidência da França em 2002, Jacques Chirac disse: “A França, rica de uma formidável herança cultural, se enriquece de diversas e numerosas sensibilidades que fazem nossa cultura viva e radiante, fiel à sua vocação universal” (ELYSÉE, 2002, tradução livre)¹. Com essa ideia, é possível entender que a cultura francesa, extremamente valorizada em sua origem, apresenta uma aptidão para vir a se tornar um instrumento de influência dentro da estruturação política da França.

Este trabalho tem como propósito ampliar a discussão acerca da cultura nas Relações Internacionais, demonstrando de que forma seu conceito se relaciona com a Política Internacional e como ela também apresenta um lado estratégico, quando assim desejado pelo Estado, que permite a fortificação e consolidação de poder de um país no sistema internacional. Utilizando o desempenho cultural da França, será analisado de que maneira a cultura se torna um componente determinante na construção de poder do Estado. Dessa forma, é possível apresentar os seguintes questionamentos: de que forma cultura e poder se relacionam? De que maneira a cultura pode operar como um instrumento de poder? Como o poder se faz presente em situações que são aparentemente neutras?

A cultura se faz presente nas relações de poder quando se torna atrativa aos outros e, assim, desempenha um papel de influência. É através disso que um país estabelece seu *soft power*. O cientista político Joseph Nye (2004) apresenta esse termo que diz respeito à capacidade de estabelecer suas preferências sem coerção, de forma não bélica. Isso quer dizer que o *soft power* é a capacidade de persuasão e influência para se obter resultados esperados.

Usaremos aqui o caso francês para analisar essa relação, já que ele apresenta sua cultura como um meio consolidado de projeção de seu poder no cenário internacional, sendo a língua francesa uma materialização de seus valores que tem a capacidade de tornar as relações do Estado com outros países mais forte.

A França é um país que valoriza sua cultura e tem uma abrangência internacional no que diz respeito ao seu alcance cultural. Com esse trabalho, pretende-se examinar a maneira pela qual ela utiliza de seus ideais e valores culturais como recursos estratégicos para manter suas relações e se fortalecer no sistema internacional. A partir de seu *soft power*, é possível constatar que a França conseguiu imprimir a imagem e as representações de universalidade de sua produção simbólica particular em suas relações. Isso significa que, a partir de sua

¹ Texto original: « La France, riche d'un formidable héritage culturel, s'enrichit de sensibilités diverses et nombreuses qui font notre culture vivante et rayonnante, fidèle à sa vocation universelle ».

construção cultural, da atuação de sua diplomacia cultural e por meio da valorização de sua língua, a imagem francesa passou a se relacionar diretamente com a influência que o país é capaz de desenvolver.

Para consolidar os argumentos que serão aqui apresentados, serão utilizados discursos de Chefes de Estado franceses e índices como o *Soft Power 30* e o *Quality of National Index*, que trabalham com essa perspectiva do *soft power*, abordando a forma como a França se utiliza da cultura como um meio de se fortalecer no mundo político e para se consolidar como uma potência global.

Para a análise dos argumentos deste trabalho, foi aplicada uma metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica que visa submeter o pesquisador a tudo o que já foi escrito ou dito sobre o tema em questão (MARCONI; LAKATOS, 2003). Assim, este trabalho teve como base de pesquisa textos, relatórios, análises de discursos e índices que tratam sobre as questões de cultura, francofonia, *soft power*, diplomacia cultural e a forma como todos esses conceitos se relacionam dentro do caso francês.

Este trabalho está dividido em três capítulos de forma a estruturar os entendimentos de cultura e poder nas Relações Internacionais para permitir a compreensão do conceito de *soft power* e a proposta de análise acerca da disseminação da francofonia como um instrumento de poder para o Estado francês. Dessa forma, no primeiro capítulo será discutido sobre o aspecto cultural, a linguagem e as práticas discursivas, que possibilitam uma compreensão acerca do poder simbólico da cultura. O segundo capítulo tratará sobre o conceito de *soft power*, sobre o funcionamento do *soft power* francês e sobre como a França utiliza seus valores culturais de maneira estratégica, visando à obtenção de resultados por meio dessa ação. Por fim, o terceiro capítulo discutirá sobre a francofonia, seu processo de institucionalização e a importância que sua disseminação representa para o *soft power* francês, pois é essa disseminação que possibilita a presença do poder em outros países.

Assim sendo, este trabalho será construído de forma a estabelecer como a cultura se tornou relevante para a atuação do poder francês em âmbito internacional, sendo possível observar esse fato através do estudo de caso da disseminação da francofonia.

1 CULTURA E PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS E SIGNIFICADOS

Neste capítulo, pretende-se apresentar a relação entre cultura e poder nas Relações Internacionais, de maneira que se possa formular o entendimento de sua importância no meio político para a ascensão e o fortalecimento dos países, principalmente no século XXI. Essa discussão é necessária para a proposta deste trabalho, que é a de analisar o desenvolvimento de poder do Estado francês através da disseminação da francofonia no meio internacional, o que remete ao fortalecimento de seu desempenho cultural como um todo.

O argumento desenvolvido aqui é de que a cultura não se limita em definir simplesmente as identidades e os valores históricos de cada sociedade dentro da ordem internacional. Ela também auxilia os Estados nas relações de influência, o que contribui justamente na intensificação de poder de um país em relação a outro. Dessa forma se estabelece uma ligação entre ambos os termos aqui trabalhados.

O capítulo se divide em três seções, em que a primeira discutirá sobre a cultura de forma a abordar sua produção simbólica, isto é, o que a cultura simboliza para o indivíduo e para a sociedade. A segunda seção tem como objetivo demonstrar a maneira como a linguagem age como um repositório de valores culturais, considerando que ela representa a própria transmissão da cultura. Durante a terceira seção será apresentada uma reflexão sobre a utilização do discurso como aparato de poder.

1.1 ESTUDOS CULTURAIS: A CULTURA COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA

Os Estudos Culturais são importantes a serem analisados de forma a entender o valor da cultura para o desenvolvimento das sociedades. Escosteguy (2000) comenta sobre o rápido alcance internacional que esses estudos obtiveram, embora sejam caracterizados como uma invenção britânica. De acordo com a autora, trata-se de “um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2000, p. 3). Dessa forma, observa-se a interdisciplinaridade existente nos estudos culturais.

A cultura é a responsável por representar a identidade de uma sociedade, suas crenças, seus valores, seus comportamentos, pensamentos e ideias. Sendo importante para determinar a visão de mundo de cada sociedade, é a cultura que permite ao indivíduo o espaço de desenvolvimento social. Por isso, esta pode apresentar um vasto significado.

Como será trabalhado posteriormente, as palavras (que também se relacionam com a cultura) se diferem de sentido em diferentes idiomas. Laraia (2001, p. 14) apresenta termos relacionados ao conceito de cultura que demonstram esse fato: “o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”. Aqui se percebe um desenvolvimento do conceito de cultura pelos diferentes grupos culturais, em que cada povo agrega seus próprios valores culturais às palavras que utilizam.

Retomando à conceituação de cultura, o antropólogo Tylor (1871 apud LARAIA, 2001, p. 16) foi o primeiro a conseguir apresentar uma definição mais sintetizada, que é a que conhecemos hoje, sendo cultura “todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”. Isso quer dizer que a convivência se torna muito importante para o desenvolvimento humano, no que diz respeito à sua estruturação cultural, que pode se dar principalmente pela linguagem. Esta é um veículo de comunicação social que possibilita as trocas de signos linguísticos e dá representação às ideias. Um exemplo dessa visão é a análise apresentada por Laraia (2001, p. 9) que aponta justamente que as diferenças culturais não são diretamente determinadas pela genética: “se transportarmos para o Brasil, logo após o seu nascimento, uma criança sueca e a colocarmos sob os cuidados de uma família sertaneja, ela crescerá como tal e não se diferenciará mentalmente em nada de seus irmãos de criação”.

O que podemos assimilar dessa passagem é que o desenvolvimento cultural se dá pelo meio em que vivemos, pelas experiências que partilhamos e acumulamos, e através das trocas de aprendizados, que acontecem de forma cíclica. A partir disso acontece a transposição cultural que permite ao indivíduo o real desenvolvimento de sua formação identitária.

Dessa forma, remetendo essa ideia à realidade francesa, sendo esta o estudo de caso deste trabalho, e analisando a maneira pela qual o Estado francês usufrui de seu alcance cultural, seria, então, possível tornar uma cultura internacionalizável?

Por meio deste questionamento, torna-se necessário analisar os processos culturais que também determinam as relações entre os indivíduos. Para Gomes (2019, p.103) a cultura se caracteriza pela “relação entre os seres humanos”. Se analisarmos que sua estruturação depende dessa relação, ou seja, é preciso que haja interações entre os indivíduos, pode-se dizer que a cultura passa por constantes mudanças. A mudança é justamente o que define o termo de aculturação, que é caracterizado, de acordo com Assis e Nepomuceno (2008), pelo fato dos indivíduos e das relações que eles estabelecem serem dinâmicos. Isso faz com que as transformações, ocorridas principalmente com as trocas entre as culturas, fiquem mais em evidência.

De acordo com Ullmann (1991 apud ASSIS; NEPOMUCENO, 2008, p. 5), o processo de aculturação acontece quando:

Através do contato prolongado ou permanente, duas ou mais culturas permutam entre si seus valores, conhecimentos, normas, hábitos, costumes, símbolos, enfim, seus traços culturais. Nesse processo, uma cultura se caracteriza como doadora e a outra como receptora, o que não significa dizer que este seja um processo de via única, ou seja, quando em contato, todas as culturas podem sofrer mudanças, pois ocorre aí um processo de influxo recíproco.

Assim, através dessa definição, entendemos que o contato entre as culturas permite a troca entre elas. Com base nessa compreensão, podemos responder o questionamento feito anteriormente. Uma cultura, a partir do momento em que um pertencente de determinado grupo cultural (ou um valor cultural em si) entra em contato com outra cultura, passa a ser internacionalizada, pois nesse contato, transmite seus costumes, linguagem, símbolos, valores, conhecimentos, de forma que também recebe da outra cultura, estabelecendo, assim, uma relação mútua de troca.

Assis e Nepomuceno (2008) também subclassificam o termo de aculturação em três formas: livre, quando ocorre de maneira pacífica; forçada, quando ocorre através da coerção; e planejada, que se dá através do planejamento visando à obtenção de resultados. Então, o caso que observamos é que uma cultura pode passar pelo processo de aculturação por diferentes etapas, dependendo da situação desejada a se alcançar com esse processo. É possível, dessa forma, questionar: quem poderia desejar alcançar algo com a aculturação? Analisando o exemplo de um Estado, todas as três formas seriam cabíveis. Contudo, em um mundo onde as relações são totalmente estratégicas, a forma planejada é a mais plausível, já que todas as ações são planejadas e praticadas em busca de determinados resultados.

A cultura, quando analisada diretamente à representação e, justamente, ao processo de construção da identidade, também está interligada ao desenvolvimento gradual de uma nação. Considerando as sociedades modernas, o teórico cultural Hall (2006) pontua três ideias de identidade, sendo elas: sujeito do Iluminismo, tendo uma concepção mais centrada e individual; sujeito sociológico, remetendo à importância das relações humanas e da cultura para o indivíduo, o que resulta no sujeito pós-moderno, em que não se tem mais uma concepção de identidade fixa e permanente, pois o indivíduo se torna capaz de assumir diferentes identidades em diferentes momentos (HALL, 2006). Percebe-se, dessa maneira, que o indivíduo passa por um processo de transição, adquirindo a capacidade de assumir diferentes identidades culturais. Com base nessa ideia, podemos dizer que o sujeito pós-moderno se torna o principal motivador das trocas culturais por estar apto a absorver os valores de diferentes culturas.

Na medida em que a cultura participa desse processo de formação da identidade individual, que é capaz de passar a representatividade de cada um e mesmo de cada sociedade, entendemos que tudo é cultural. A linguagem, sendo a forma mais simples de transmissão cultural, assume um papel importante a partir do momento em que esta muda como o indivíduo expressa seus pensamentos, sentimentos e ideias para a forma mais simples da representação figurada.

Uma das formas de trabalhar com a representação, como evidenciado por Silva (2000), é através da ideia de que ela está sempre em busca de tornar o “real” possivelmente presente por meio de sistemas de significação. Esses sistemas deram origem para dois tipos de representação: “a representação externa, por meio de sistemas de signos como a pintura, por exemplo, ou a própria linguagem; e a representação interna ou mental – a representação do ‘real’ na consciência” (SILVA, 2000, p. 90). Logo, entendemos que a representação passa a se tornar também visível com sua dimensão externa, permitindo a reprodução, por assim dizer, das culturas em outros meios.

Outra análise importante acerca da identidade é que ela existe e se faz necessária em consequência da diferença. Ao evidenciarmos, deste modo, a estreita relação que se dá entre identidade e diferença, Silva (2000) discute sobre esse fato de forma que “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (SILVA, 2000, p. 75). Isso quer dizer que a identidade, assim como a diferença, existe como forma de afirmar cada grupo cultural. Quando alguém se diz pertencente de um grupo específico, está automaticamente se excluindo de outro.

A dimensão da identidade e diferença se relaciona com a ideia de inclusão e exclusão, fazendo com que haja a diferenciação de culturas dentro do mundo social. Silva (2000) torna isso claro quando também relaciona essa questão com as relações de poder. Os sistemas de poder se ligam com a identidade através da representação, em que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000, p. 91). Isso dá espaço para a consolidação dos movimentos sociais ligados à identidade que remetem fortemente à valorização cultural.

A partir do que foi apontado anteriormente, é possível analisar que se a cultura por si só representa um povo, pode-se dizer que ela contribui também para a construção do pertencimento do indivíduo. Através disso, é possível notar que ela é capaz de assumir uma narrativa de demonstração de origens e experiências comuns, que são transmitidas a fim de manter determinada cultura sempre viva, por assim dizer adaptável.

1.2 LINGUAGEM: REPOSITÓRIO DE VALORES CULTURAIS E SIGNIFICADOS

Esta seção é dedicada à abordagem da linguagem, pois a língua é um dos assuntos primordiais para esse trabalho. Sendo a língua francesa (elemento que será tratado mais a frente) um dos pontos centrais para o êxito da propagação cultural da França no mundo, é preciso aqui entender quais os motivos que propiciam essa contribuição.

A língua é um dos elementos culturais determinantes, conhecida por expressar valores e especificidades de uma sociedade e, por estar relacionada à comunicação, contribui para a integração do indivíduo no meio social:

A palavra distingue os homens entre os animais; a linguagem, as nações entre si – não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado. O uso e a necessidade levam cada um a aprender a língua de seu país, mas o que faz ser essa língua de seu país e não a de um outro? A fim de explicar tal fato, precisamos reportar-nos a algum motivo que se prenda ao lugar e seja anterior aos próprios costumes, pois, sendo a palavra a primeira instituição social, só a causas naturais deve a sua forma (ROUSSEAU, 1983, p.159).

Então, com essa constatação, Rousseau quis demonstrar que a linguagem teve papel relevante, principalmente, para a distinção e fortificação de cada nação. Para Rousseau (1983), a palavra é a primeira instituição do indivíduo, vindo antes de qualquer outro valor que a cultura agregue em sua formação identitária. Isso significa que a língua seria considerada como o primeiro instrumento disseminador da cultura.

Para melhor exemplificação da importância da língua para o indivíduo e para o país que ela representa, considerando que ela é responsável pela transmissão de valores culturais, faz-se necessário trabalhar aqui com sua definição. De acordo com Raffarin (2010, p. 25, tradução livre)² “a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, ela é a expressão de um pensamento, de uma cultura, de um patrimônio”.

Segundo Rousseau (1983), o homem começou a se comunicar, pois sentia a necessidade em expressar seus sentimentos e pensamentos ao outro. Isso contribuiu para a criação dos sinais dentro da linguagem. Fazendo aqui, então, uma relação com a definição de Raffarin e a análise de Rousseau, vemos que a língua passa a ser a expressão necessária ao indivíduo, feita através de signos e sinais.

A linguagem é um mecanismo social e cultural de grande relevância, pois permite ao sujeito o poder de expressão clara, simples e objetiva. Ao analisarmos seu alcance enquanto

² Texto original: « *La langue n'est pas seulement un outil de communication, elle est aussi l'expression d'une pensée, d'une culture, d'un patrimoine* ».

facilitador da comunicação, nota-se sua relação direta com a representação e o sentido que auxiliam no processo de construção cultural.

Ao trabalhar com a representação da linguagem, Hall (2016) apresenta que o conceito de signos, os que carregam o sentido da palavra, que precisam ser interpretados. Ainda que existam os signos visuais – imagem ou pintura – que remetem o signo à ideia do objeto que já existe à nossa mente, nem tudo é tão simples, pois cada grupo cultural apresenta sua própria interpretação dos signos. Isso quer dizer que a troca de informação a partir dos signos depende do sujeito.

Os códigos são necessários para a linguagem, pois são responsáveis pela compreensão da palavra – que nada mais é que uma mistura de letras. São os códigos que fixam o sentido à palavra, estabelecendo uma relação entre o sistema conceitual e à linguagem (HALL, 2016). Em diferentes idiomas, uma mesma palavra pode assumir diferentes signos linguísticos, por isso, Hall (2016) caracteriza os signos como arbitrários e os códigos como sentidos fixos.

Bourdieu (1989, p. 9) apresenta a percepção que “a língua é fundamentalmente tratada como condição de inteligibilidade da palavra, como intermediário estruturado que se deve construir para se explicar a relação constante entre o som e o sentido”. Então, pode-se entender que a língua é uma ferramenta necessária para a comunicação, pois é a responsável por dar sentido às palavras. Se pensarmos que, em cada língua, as palavras têm seus próprios sentidos, a língua passa a se tornar um instrumento ainda mais único. Diferentes línguas apresentam suas próprias especificidades culturais.

A língua, sendo ainda um importante vetor de valor de uma sociedade, pode ser caracterizada como um disseminador de poder através das palavras. Giordani (2011, p. 3) aponta esse fato ao comentar que a linguagem não assume o papel apenas de informar, mas também:

A linguagem exerce um poder e se constitui em um instrumento que age sob o mundo, portanto, transforma e modifica a sociedade. É através desse poder simbólico dado na linguagem que se pode fazer coisas, é nesse ‘lugar’ que se travam lutas ideológicas e disputas que reafirmam o caráter social da linguagem. A força das palavras se exerce então na sua ação comunicativa, elas veiculam valores, significados, ideologias que se confrontam no cotidiano dos agentes sociais, e desse modo se configuram formas de dominação e exercício de poder.

Isso quer dizer que o poder contido nas palavras é capaz de originar a dominação, que será aprofundada por meio da temática do discurso mais à frente. É importante perceber também que a língua assume papéis distintos no que diz respeito a sua forma de reprodução. Se observamos, a língua se reproduz através da fala, em que se dá a comunicação, e através da

escrita, que resulta na produção de registros de ideias. O que seria interessante notar aqui é a possibilidade de aprendizagem de outra língua por meio desses registros, ou seja, a língua se torna um bem cultural possível de “troca” entre grupos sociais. Gnerre (1991) aponta uma certa particularidade da língua que é a separação de variedade existente entre “cultura” ou “padrão” e suas outras formas. Essa forma culta se relaciona, então, com a parte escrita da língua que, de acordo com Gnerre (1991), está ligada à tradição cultural e ao processo de uma elaboração histórica de uma sociedade.

Por meio desse entendimento que a língua participa do desenvolvimento histórico de uma sociedade, vemos que ela acompanha seu processo de evolução nacional. A partir do que já foi visto no item anterior, entendemos que a cultura é a responsável por expressar tudo aquilo que o indivíduo produz durante sua existência, ou seja, tudo o que está relacionado a comportamentos, valores materiais e espirituais. Logo, pode-se dizer que a língua é um conjunto de símbolos nacionais que, como bem retrata Silva (2000), está relacionado à fixação da identidade cultural.

Assim, vemos o importante papel que a identidade desempenha dentro da análise sobre cultura e poder. A representação da identidade nacional acontece através de símbolos que caracterizam sua nação e, mais que isso, caracterizam culturalmente pessoas como uma comunidade nacional. A linguagem, então, exerce a função necessária de transmitir os valores nacionais dentro de um grupo cultural.

A partir dessa exposição, vemos que a língua, como um fator cultural, é responsável por proporcionar a comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade cultural, que partilha dos mesmos signos. No mundo globalizado, com a aproximação entre os Estados e, conseqüentemente aproximação dos indivíduos, vemos o início da necessidade de comunicação entre comunidades culturais diferentes, principalmente pela questão comercial. Assim, conhecer a língua do outro se torna importante, já que a principal troca cultural que se dá entre os Estados acontece em primeiro momento pela língua.

1.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS E PODER

Como esse capítulo foi voltado para se estabelecer uma relação entre cultura e poder, que será importante para a compreensão que se pretende estabelecer sobre a posição da França no sistema internacional, vale também trabalhar a relação entre poder e discurso. É possível dizer que o discurso detém poder? De que forma isso acontece? Primeiramente, é preciso entender o que o significado de poder representa. A etimologia de sua palavra:

Vem do latim vulgar *potere*, substituído ao latim clássico *posse*, que vem a ser a contração de *potis esse*, “ser capaz”; “autoridade”. Dessa forma, na prática, a etimologia da palavra *poder* torna sempre uma palavra ou ação que exprime força, persuasão, controle, regulação etc (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 369-370).

O que entendemos, a partir dessa definição, é que *poder* está relacionado diretamente ao ato de controlar algo ou alguém, mas o que vale analisar é de que forma esse ato acontece. É possível exercer autoridade, para gerar controle, por meio da força ou também por meio do discurso, que se forma através do conhecimento em forma de representação.

Para Hall (2016, p.108), a representação é “o processo pelo qual os membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido”. A partir da linguagem, se dá a comunicação e então temos o uso do discurso como expressão individual. O que podemos entender é que, dessa maneira, a linguagem passa a ser o instrumento chave para resultar no poder do discurso.

O poder, a se analisar em primeiro plano, está sempre relacionado à ideia de autoridade, de disciplina, de dominação e de punição. Isso acaba por tornar o poder uma ferramenta fundamental de vigilância. Inserindo aqui a visão cultural no poder, podemos dizer que cada cultura teria uma forma de aplicar sua própria forma de punição. Hall (2016) apresenta a análise de Foucault sobre o “corpo” do discurso. Isso quer dizer que, através do poder, o discurso passa a adquirir uma posição disciplinante.

A forma como Foucault (1979) relaciona esse “corpo” ao poder é necessária para avaliar o alcance do poder que, de acordo com ele, é grande de maneira a quase nunca se perder, porque ele consegue se recuar ou se deslocar para outros lugares. Então, é interessante observar que o poder, assim como trabalhado pelas autoras Ferreirinha e Raitz (2010) sobre a análise de Foucault, se encontra em qualquer tipo de relação e não somente naquelas em que a autoridade está explicitamente presente (como seria no caso do Estado). Isso mostra que o poder está em todo lugar, em todas as instituições e em todas as relações. Sendo assim, é possível observar que está em meio às ações e ao discurso.

Podemos entender a simbologia do discurso ao analisar o poder simbólico analisado por Bourdieu (1989). Esse conceito de poder trabalhado pelo autor se define através também dessa ideia de que o poder está em todos os lados. Ao se apresentar em toda parte, é possível também estar em nenhuma parte. Nesses diferentes contextos e formas para o poder, ele se torna invisível por necessitar da cumplicidade que se estabelece entre quem está sujeito a ele e quem o exerce.

Trazendo essa perspectiva do poder simbólico para o discurso, Giordani (2011) trabalha com a análise de Bourdieu, demonstrando que grande parte do poder está presente na palavra, já que ela consegue acumular valores e ideologias para as trocas cotidianas entre os agentes sociais. Dessa forma, entende-se que nela está “o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico” (GIORDANI, 2011, p. 3). Isso quer dizer que a linguagem, dentro do discurso, passa a ser um importante mecanismo de poder simbólico para a construção da realidade e das relações sociais. Nas palavras de Bourdieu, então, entendemos o poder simbólico como:

Poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Torna-se interessante observar de que forma o discurso adquire poder dentro de um determinado contexto cultural, analisando o valor que a reprodução linguística e, por conseguinte, a comunicação, assume. Gnerre (1991, p. 5) analisa que “as pessoas falam para serem ‘ouvidas’, às vezes para serem respeitadas e para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos.” Aqui vemos que o desenvolvimento do discurso se dá pela necessidade de influenciar o outro.

Se refletirmos sobre a frase, “as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar” (FOUCAULT, 1990, p. 47), ela se torna interessante ao considerar que as palavras ganham sentido, ou mesmo têm seu sentido reconstruído, de acordo com a situação em que uma sociedade está vivendo em determinado período. Esse é o caso em que Gnerre (1991) trabalha ao exemplificar o uso das palavras *progresso* e *democracia* que apresentam um processo de significado histórico, demonstrando, dessa forma, a participação influente da cultura na significação. Além de mesmas palavras assumirem sentidos diferentes em línguas diferentes, como já foi apresentado, as palavras dentro de uma mesma comunidade cultural passam a assumir um processo de desenvolvimento de significado através das experiências que seus falantes vão adquirindo com o tempo.

Outra perspectiva possível de se trabalhar dentro desse entendimento do discurso é a das ideias. Martins (2002) as define como sendo nada mais que a determinação do agir através de, principalmente, opiniões e interesses que indivíduos, ou mesmo uma sociedade, adotam. Existem, então, meios de se estabelecer uma associação entre a noção de ideias e a noção de redes culturais, também trabalhadas pelo autor. As redes culturais são as “formas de poder na

sociedade e no Estado, que interferem na formulação e na prática de condutas individuais e sociais” (MARTINS, 2002, p. 23). Então, as ideias são como a expressão concreta daquilo que a sociedade reflete no mundo real. Com base nessa perspectiva de que as ideias podem influenciar políticas e comportamentos, evidencia-se o poder do discurso através da política cultural.

A reprodução cultural acontece através da língua, hábitos e costumes, de filmes e músicas, histórias e rituais, daquilo que se considera como meio de comunicação social ou tudo o que se pode ser passado de geração para geração. Através desse capítulo foi possível entender que a cultura está ligada às relações sociais, bem como o poder. Dessa forma, a ligação entre cultura e poder nas Relações Internacionais se faz presente a partir do momento em que se estabelece a necessidade de se conhecer o outro para que seja possível a propagação de poder.

Observamos, então, que no mundo globalizado existe um desejo de expansão de poder estatal que se liga fortemente à tentativa de disseminar sua cultura ao outro de forma a se fazer presente em outros países. Esse desejo político é denominado de *soft power*, caracterizado pelo cientista político estadunidense Joseph Nye como um dos poderes essenciais da política externa de um país. Esse poder, em particular, se relaciona sobretudo com a cultura e os valores institucionais de um Estado por ter como característica principal a atração. Esse assunto será tratado no próximo capítulo.

2 POLÍTICA INTERNACIONAL E *SOFT POWER*: A CULTURA COMO UM INSTRUMENTO DE PODER FRANCÊS A PARTIR DA DIPLOMACIA CULTURAL

Neste capítulo, pretende-se evidenciar o conceito de *soft power* – ou poder brando – e a maneira pela qual o Estado francês utiliza sua cultura no meio internacional para fortalecer sua atuação e, conseqüentemente, sua imagem quanto potência global.

O *soft power* é um importante mecanismo de política externa para um país por permitir o alcance de poder pela cooptação, ou seja, é a forma pela qual utiliza-se de técnicas que moldam as preferências de outrem e que são capazes de influenciar pela atração (NYE,2004).

O propósito desse capítulo é identificar os mecanismos utilizados pela França no fortalecimento de seu poder, considerando que, para o seu desenvolvimento, a diplomacia cultural é de extrema importância nas relações com outros países, pois garante que a disseminação de seus valores internos aconteça de forma sutil e natural.

O capítulo se divide em três seções, de forma a abordar na primeira seção o conceito de *soft power* e sua relação com a diplomacia cultural e o lado estratégico da cultura. Assim, será possível observar de que forma esses mecanismos são peculiares ao Estado francês.

Na segunda seção será tratada a maneira específica como a França utiliza seu *soft power*, que fez com que ela fosse capaz de desenvolver um mecanismo próprio para sua política externa – *diplomatie d'influence* – e o que o discurso colonial francês representa para a imagem atual francesa. Na terceira seção será analisada a forma como os valores culturais franceses são tratados de forma estratégica pelo Estado.

2.1 POLÍTICA INTERNACIONAL E *SOFT POWER*

Na política internacional, o poder é fortemente necessário para as relações entre os Estados. Existem muitos conceitos que explicam o que vem a ser poder. Nye (2011) traz essa discussão apontando que, entre esses conceitos, o mais aceito seria o que define poder como ação capaz de causar efeito e se obter objetivos esperados.

Todo poder apresenta um escopo (quem detém o poder) e um domínio (o que está envolvido na situação de poder), ou seja, há várias formas de poder que se aplicam em diferentes situações (NYE, 2011). Então uma pessoa (ou um Estado, como iremos tratar mais a frente) que detém certo poder deve ser cautelosa ao ponto de reconhecer que seu alcance é sobre certas pessoas ou situações, isso quer dizer que a obtenção dos resultados precisa ser clara quanto à

sua abrangência. Nye (2011) também aponta os recursos de poder, que são: território, população, forças econômica e militar. Esses recursos podem influenciar em sua efetivação.

A partir desse entendimento de Nye (2011), considera-se poder como a capacidade de obter resultados almejados através de ações. Assim, compreende-se que para conquistar algo que deseja, é preciso desenvolver técnicas que permitam influenciar o comportamento do outro para se conseguir alcançar seu objetivo, dependendo do contexto em que o poder está inserido. O que fica claro então é que a influência é totalmente necessária e relevante, mas através de quais meios?

Dentre as habilidades de poder, Nye (2004), inicialmente analisando a realidade da política externa estadunidense, aponta duas mais importantes para um Estado: o “*hard power*” (poder bruto) relacionado ao poder militar e econômico, ou seja, a habilidade de coerção; e o “*soft power*” (poder brando) relacionado ao poder cultural e aos valores institucionais. Sendo assim, o *soft power* é a habilidade de persuadir através da atração, cooptação. A tabela a seguir tem o propósito de exemplificar a utilização de recursos de cada poder apresentado pelo autor.

Tabela 1. Recursos de *hard power* e *soft power*

	<i>Hard</i>	<i>Soft</i>
Espectros de comportamento	Comando Coerção Persuasão	Configuração de agenda Atração Cooptação
Recursos prováveis	Força Sanções Pagamentos Subornos	Instituições Valores Cultura Políticas

Fonte: Nye, 2004.

Como o *soft power* ocupa uma centralidade neste capítulo, é importante analisar seu conceito para compreender a forma pela qual a França – objeto de estudo deste trabalho – utiliza esse meio no sistema internacional. O poder brando se concentra, sobretudo, na habilidade de influência e, no sistema político, isso significa fazer com que outros países queiram seguir o mesmo modelo de desenvolvimento apresentado. Segundo Nye (2004, p. 5, tradução livre)³, “um país pode obter os resultados desejados no mundo político, porque outros países –

³ Texto original: “A country may obtain the outcomes it wants in world politics because other countries – admiring its values, emulating its example, aspiring to its level of prosperity and openness – want to follow it”.

admirando seus valores, emulando seu exemplo e almejando o mesmo nível de prosperidade e abertura – querem segui-lo”. Seria então possível dizer que é através desse entendimento que se vê uma grande preocupação francesa em evidenciar seus valores nacionais para o mundo, pois é a partir disso que sua influência se fortifica.

Para Nye (2004), a cultura, sendo uma das fontes do *soft power*, pode ser distinguida entre “*high culture*” (alta cultura), englobando tudo relacionado à literatura, artes e educação, e “*popular culture*” (cultura popular), que tem um foco no entretenimento. Dessa forma, quando um país apresenta sua cultura de maneira que seus valores promovam o interesse de outros, um relacionamento de atração se estabelece e o *soft power* se faz presente.

Ao citar Nye, Ballerini (2017, p.17) traz uma reflexão muito importante acerca da definição de *soft power*, enfatizando que a “cultura e valores são mais permanentes que política”. Com isso entende-se que, apesar de a cultura e valores de um país sempre passarem por um processo de renovação com a evolução das sociedades, eles sempre permanecem verdadeiros e eficientes em sua essência, e é isso que permite que seu *soft power* seja um forte mecanismo de política externa, ainda que não utilize nenhum tipo de força bélica.

Isso é mesmo explícito por Ballerini (2017, p. 18) quando ele diz que “até mesmo os mais notórios líderes do poder duro reconhecem a importância do poder suave”. O que fica claro é que nenhum país pode se sustentar no sistema internacional apenas com o *hard power*, pois no mundo globalizado ser temido não é mais o essencial. A cultura, então, desempenha um papel mais significativo na área estratégica estatal.

Outra definição atribuída ao poder brando é a “capacidade de conseguir um resultado desejado porque os outros querem o que você quer” (CRONIN, 2004 apud BALLERINI, 2017, p. 17), ou mesmo se poderia dizer que “os outros querem ser você”, então, mais uma vez, a ideia de influência passada pelo *soft power* é o principal elemento para o êxito no jogo de poder.

Reforçando que o *soft power* trabalha com recursos intangíveis, pode-se perceber que “os ativos que colocam o *soft power* em ação são a) os aspectos da cultura que atraem o interlocutor, b) a política nacional quando é vista como legítima do exterior e c) os valores políticos quando é reconhecida como positiva pelos outros” (NYE, 2008 apud ZAMORANO, 2016, p. 175, tradução livre)⁴. Assim, percebe-se quão é a dimensão externa do *soft power*, ou seja, é preciso que esse poder atinja os outros países, sendo através da cultura, dos valores nacionais e políticos que se tornam influenciáveis, se fazendo atrativos para os outros.

⁴ Texto original: “*The assets that put soft power in action are a) the aspects of culture that are attractive for the interlocutor, b) the national politics when it is seen as legitimate from abroad, and c) the political values when it is recognized as positive by others*”.

Ao perceber a real aplicação desse poder, torna-se interessante analisar o fato de que Nye (2011) destaca a dificuldade que seria para um governo estabelecer uma estratégia de *soft power*, pois, ainda que se trate de recursos mais leves, demora mais tempo para que se obtenha resultado, deixando os governantes ainda mais impacientes. Outro fato é a questão de que esses recursos de *soft power* não podem ser totalmente controlados pelo governo por se relacionarem diretamente com a civilidade, o que não transmite especificamente uma segurança de retorno.

O diretor do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas da França (IRIS)⁵, entre os anos de 2012 e 2014, Martel (2013) precisa essa ideia quando aponta que, para Nye, a sociedade se torna corresponsável pelos recursos do *soft power*, fazendo com que ganhe também a denominação de “*undirect power*” (poder indireto). Por isso, Nye (2011, p. 83, tradução livre)⁶ afirma que o “*soft power* pode parecer menos arriscado que o poder econômico e militar, mas é frequentemente difícil de usar, fácil de perder e custoso para reestabelecer”. Logo, é possível compreender que a estruturação do *soft power* deve ser feita de maneira estratégica, considerando os objetivos que se espera alcançar com ele.

O *soft power*, então, é importante por propiciar a geração de poder de forma atrativa e através da persuasão, em que também se observa sua proximidade com a função da diplomacia cultural, que se caracteriza basicamente pela ação em busca da obtenção dos objetivos desejados, utilizando-se dos meios culturais. A cultura, então, como forte instrumento desse poder, passa também a desempenhar uma função estratégica e necessária para os Estados.

2.1.1 Diplomacia Cultural

Após as análises apresentadas anteriormente acerca do conceito de *soft power*, já é possível compreender que a cultura desempenha um papel fundamental para que um Estado consiga prosperar no sistema internacional e alcance de maneira satisfatória e pacífica seus objetivos, enquanto uma instituição política.

Através da cultura, os relacionamentos, tanto políticos quanto comerciais, se tornam mais fáceis, de forma a proporcionar aproximação e alianças. Segundo Ribeiro (2011, p. 22), “a maior parte das grandes culturas se formou por empréstimo de outras culturas, ou por troca”. Assim, torna-se possível reconhecer que o intercâmbio cultural também é de extrema relevância para o sucesso do *soft power* de um determinado país.

⁵ Institut de Relations Internationales et Stratégiques.

⁶ Texto original: “*Soft power may appear less risky than economic or military power, but it is often hard to use, easy to lose, and costly to reestablish*”.

É necessário, nesse caso, destacar o papel que a diplomacia desempenha, principalmente no mundo globalizado. Com o intuito de garantir um bom relacionamento entre os países, a diplomacia é um mecanismo importante da política externa, já que, como aponta Ribeiro (2011), uma decisão de determinado governo pode causar efeitos e resultados além de suas fronteiras.

Trazendo aqui o lado cultural desse mecanismo, entende-se que “a diplomacia cultural, por sua vez, seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica” (RIBEIRO, 2011, p. 33). Diante disso, torna-se interessante analisar o alcance que a cultura apresenta e a necessidade que ela pode representar para um país. Isso significa que em todas as relações entre Estados no sistema político, o papel cultural se faz presente e se torna significativo para o sucesso das mesmas.

No que diz respeito à definição de diplomacia cultural, é necessário reconhecer sua vasta dimensão discutida por vários autores. A que mais se encaixa para esse trabalho é a argumentada por Cummings (2003 apud ZAMORANO, 2016, p. 169, tradução livre)⁷, que se refere à “troca de ideias, informação, arte e outros aspectos de cultura entre nações e seus povos a fim de promover mútua compreensão”. É possível interligar essa definição com a ideia de que a cultura exerce poder, acontecendo através da troca mútua de informações e experiências entre os Estados.

Vale ressaltar aqui que a ex-embaixadora da França, Gazeau-Secret (2013), aponta o termo “diplomacia cultural” como sendo uma especialidade francesa que se relaciona também com as criações do termo “francofonia” e da Aliança Francesa (AF)⁸, datadas da década de 1880. A diplomacia cultural engloba, como citado por Ribeiro (2011, p. 31), diferentes temas, entre eles: “o ensino da língua, como veículo de valores”. Dessa maneira, relacionando esse argumento com a criação da AF, vemos que sua intenção era exatamente a de fortificar a diplomacia cultural francesa, iniciando um processo de extensiva difusão cultural.

Dessa maneira, no que se refere ao caso da diplomacia cultural francesa, Haize (2013) traz a análise acerca de sua influência direta sobre a política externa e como ela reforça o *soft power* do Estado francês. O Ministério das Relações Exteriores da França tem entre um de seus

⁷ Texto original: “*The exchange of ideas, information, art, and other aspects of culture among nations and their peoples in order to foster mutual understanding*”.

⁸ Instituição criada em 1883 com o propósito de propagar a língua francesa em suas colônias e no estrangeiro. A AF apresenta três missões principais, sendo elas: 1) propor o ensino do francês, na França e no mundo, para todos os públicos; 2) fazer conhecidas as culturas francesas e francófonas; e 3) favorecer a diversidade cultural. Fonte: <https://www.alliancefr.org/index.php/fr/qui-sommes-nous/lalliance-francaise-paris-ile-de-france>. Acesso em: 20 nov. 2020.

órgãos a *Direction Générale de la Mondialisation, du développement et de partenariats* (DGM), que apresenta entre suas funções principais a gestão da *diplomatie d'influence* francesa. Isso acaba por significar que a DGM é responsável por gerar a atratividade externa pelo território e a promoção das ideias, da criatividade e do ideal francês (HAIZE, 2013).

Para Gazeau-Secret, a diplomacia francesa passa a ser colocada à prova graças ao rápido e contínuo desenvolvimento da globalização. Em vista disso ela destaca que:

É certamente importante modernizar nossa ação cultural no exterior, começando com nossa excelente rede de colegiais, faculdades e escolas francesas no exterior, com formidável potencial de influência. Mas a influência também se exerce em outros lugares nestes tempos de diplomacia global: ela depende cada vez mais de atores da sociedade civil, de uma antecipação, mobilização e conexão. É mais a atenção dada e os meios dados aos mercados de expertise, aos “think tanks”, às trocas científicas e acadêmicas, à formação de elites, à inovação, à comunicação na internet, à nossa presença em redes internacionais de todos os tipos que dependem da excelência da diplomacia francesa (GAZEAU-SECRET, 2010, tradução livre)⁹.

Isso quer dizer que é esperado da diplomacia francesa certo acompanhamento à globalização, no que diz respeito à modernidade, para que não haja motivos para sua excelência ser questionada.

Nardone (2018) aponta a ação política sendo conduzida através da diplomacia cultural como uma tradição francesa, o que nos leva mais uma vez a reconhecer o forte alcance cultural que a França emprega no meio internacional.

Assim, Nardone (2018) apresenta que a ação cultural francesa no exterior, sendo aqui iniciado o processo de construção da diplomacia cultural, pode ser dividida em três fases distintas. A primeira, datada entre os anos de 1883 até 1940, registrou a criação da rede de ligação cultural exterior através dos centros culturais (Aliança Francesa, Instituto Francês). A segunda fase se iniciou no ano de 1945, se estendendo até os anos de 1970, com o estabelecimento da política cultural francesa no exterior, que resultou da criação da DGM e da seção cultural nas embaixadas francesas em outros países. A terceira fase teve início nos anos de 1980 e, depois de um relatório feito pelo Diretor do escritório das Relações Exteriores da época, Jacques Rigaud, o Estado francês reconheceu a necessidade de se inserir na realidade do

⁹ Texto original: « *Il importe, certes, de moderniser notre action culturelle extérieure, à commencer par notre superbe réseau de lycées, collèges et écoles françaises à l'étranger, au formidable potentiel d'influence. Mais l'influence se joue aussi ailleurs en ces temps de diplomatie globale : elle s'appuie de plus en plus sur les acteurs de la société civile, sur une capacité d'anticipation, de mobilisation et de travail en réseau. C'est davantage de l'attention portée et des moyens donnés aux marchés d'expertise, aux « think tanks », aux échanges scientifiques et universitaires, à la formation des élites, à l'innovation, à la communication par Internet, à notre présence dans les réseaux internationaux de toutes sortes que dépend l'excellence de la diplomatie française* ».

mundo para se tornar mais acessível nos relacionamentos culturais com outros países. Por isso, a França passou a investir em mais tecnologias, principalmente audiovisuais, o que impactou de forma positiva, não só seus centros culturais, mas também uma nova maneira de difusão cultural com a iniciativa de novos museus, como foi o caso do Louvre Abu Dhabi (NARDONE, 2018).

Ao se analisar a criação da nova franquia do museu do Louvre, que ocorreu no ano de 2017, vê-se uma forte tentativa francesa de expandir sua propagação cultural, principalmente, no Oriente Médio. O presidente, Emmanuel Macron, em seu discurso reforçou essa ideia ao citar:

[...] uma frase que me parece bem definir o que nos une hoje. Essa frase não é da sua cultura nem exatamente da minha, é uma frase dita por um personagem de um romance russo, um personagem de Dostoïevski que diz “a beleza salvará o mundo”. Seria natural que eu falasse de cultura, de educação, de civilização, mas uma palavra se impõe a nós essa noite que estamos reunidos, é precisamente essa da beleza. Ela é o coração e o fundamento da cultura. Ela é a razão do ser da educação [...] (ÉLYSÉE, 2017, tradução livre)¹⁰.

O presidente Macron traz para seu discurso o forte interesse em mostrar como a cultura da França se relaciona com as belas artes e como isso interfere no bem-estar humano, na educação, ou seja, está presente em tudo aquilo que se faz necessário para o desenvolvimento social.

Os pontos centrais da diplomacia cultural tratados na política externa francesa, de acordo com o Ministério da Europa e das Relações Exteriores da França (MEAE)¹¹, são fazer conhecidos a cultura e artistas franceses no exterior e estabelecer relações duráveis que atendam às demandas estrangeiras. A partir dessas demandas, também surge a necessidade de gerir uma política artística que esteja apta a difundir as criações francesas e auxiliar no desenvolvimento econômico da cultura.

O que se nota, a partir disso, é que a França valoriza sua cultura e, para o Estado, este é um campo de grande atenção a ser redirecionada. É interessante ainda observar que mesmo ao se aliar a outros Estados, a cultura se torna um alicerce necessário, operando como um instrumento estratégico para a difusão de valores internos para o externo. Aqui se reforça o

¹⁰ Texto original: « [...] une phrase me revient qui semble définir ce qui nous unit aujourd'hui. Cette phrase n'est ni de votre culture ni tout à fait de la mienne, c'est la phrase prononcée par le personnage d'un roman russe, un personnage de Dostoïevski qui dit « la beauté sauvera le monde ». Et il serait naturel que je vous parle de culture, d'éducation, de civilisation mais un mot s'impose d'abord à nous ce soir qui sommes réunis, c'est précisément celui de beauté. Elle est le cœur et le fondement de la culture. Elle est la raison d'être de l'Education [...] ».

¹¹ Ministère de l'Europe et des Affaires Étrangères.

papel da diplomacia cultural para o *soft power*, que é o de garantir que os valores culturais sejam promovidos a fim de propiciar o fortalecimento do poder.

2.1.2 Cultura Estratégica

Por meio dos argumentos trabalhados até esta subseção, foi possível constatar que a cultura é um dos instrumentos indispensáveis para que o *soft power* possa ser colocado em prática. Por isso, convém apontar aqui seu lado estratégico para o Estado. Isso quer dizer que além de desempenhar sua função natural de identificação social e histórica dos povos, ela pode ser usada também de maneira a atingir objetivos específicos, como em decisões de segurança e defesa nacional.

De acordo com Romana (2016, p. 15), a “estratégia, na nossa perspectiva, corresponde à procura da eficácia máxima na ação do Estado na realização dos seus fins críticos”. Isso significa que para o Estado, a estratégia é essencial em todas as suas realizações. Mas então, de que forma a cultura se torna estratégica?

Snyder (1977, p. 8, tradução livre)¹² caracteriza a cultura estratégica como:

A soma total de ideias, respostas emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que membros de uma comunidade estratégica nacional adquiriram por meio de instrução ou imitação e compartilham entre si no que diz respeito à estratégia nuclear.

Considerando que Snyder (1977) fez essa observação analisando o caso soviético de estratégias nucleares, é preciso entender sua visão ao decidir trabalhar com o lado cultural dentro desse meio estratégico. Isso quer dizer que ao analisar a cultura de forma estratégica, Snyder apontou o lado influenciador que a cultura pode ter em comportamentos e, conseqüentemente, decisões estratégicas.

Ao identificar a especificidade da cultura estratégica francesa, vemos que ela assegura seus valores internos, como acontece com a promoção dos direitos humanos, sendo esta considerada uma das tradições de sua estratégia. A França é reconhecida por universalizar seus ideais e sua imagem e, tendo forte ligação à criação dos direitos humanos, passou a ser conhecida como a “missionária dos direitos humanos”. Sendo assim, a França tem essa promoção como importante ação, principalmente, por representar um dos pilares para sua ambição diplomática (IRONDELLE; SCHMITT, 2013).

¹² Texto original: “*Strategic culture can be defined as the sum total of ideas, conditioned emotional responses, and patterns of habitual behavior that member of a national strategic community have acquired through instruction or imitation and share with each other with regard to nuclear strategy*”.

Irondele e Schmitt (2013, p. 126, tradução livre)¹³ apontam que as diretrizes encarregadas em garantir a defesa e segurança nacional da França são caracterizadas como uma “mistura singular de políticas destinadas a defender os interesses nacionais franceses, ao mesmo tempo que promove o multilateralismo e seus valores, como os direitos humanos”. A diplomacia, como já foi visto, é um importante mecanismo francês que sustenta sua participação e posição no sistema internacional, se tornando parte de sua tradicional ação em suas relações. Isso nos leva a perceber que até no que diz respeito à sua segurança interna, a França precisa certificar de que suas relações diplomáticas estejam garantidas.

Mais uma vez, a cultura e a diplomacia se tornam meios essenciais de estratégia na manutenção das relações da França com outros países, significando uma necessidade para sua continuidade de desenvolvimento e crescimento. Isso acaba também por afetar seu *soft power*, que precisa que essa área cultural esteja cada vez mais estruturada para continuar seguindo a ser líder nesse campo.

2.2 *SOFT POWER « À LA FRANÇAISE »*

Como já foi visto anteriormente, a ideia de “*soft power*” foi desenvolvida inicialmente por Nye para tratar sobre a política externa dos Estados Unidos. Contudo, pode-se dizer que, para os franceses, existe uma versão próxima que reforça alguns dos valores trabalhados pelo autor estadunidense, mas se concentra, sobretudo, em um modelo mais específico de influência, que se tornou um mecanismo imprescindível para o desenvolvimento francês.

Essa versão é denominada como “*diplomatie d’influence*” (diplomacia de influência). Essa diplomacia corresponde a uma transformação da política clássica da difusão cultural em uma lógica de influência com objetivos e um campo de atuação maior e mais diversificado (GAZEAU-SECRET, 2013).

A *diplomatie d’influence* não se trata apenas de estabelecer uma rede de informações que terá um desempenho eficiente, mas também de ter a capacidade de trabalhar com essas informações de forma a divulgá-las para os atores relevantes, possibilitando a transformação reativa e proativa nas decisões que precisam ser tomadas (TENZER, 2013). Em vista disso, a *diplomatie d’influence* deve atuar de forma a se tornar muito mais que uma difusão cultural, buscando a efetivação dos interesses do Estado através dessa transformação de políticas já conhecidas.

¹³ Texto original: “[...] *odd mix of policies aimed at defending French national interests while also officially promoting multilateralism and values such as human rights*”.

É importante ressaltar ainda que essa diplomacia pode ser considerada como um dos fortificadores do *soft power* francês em si, pois, como bem evidencia Gazeau-Secret (2013), a França é uma especialista na “engenharia cultural” e inspira outros países que reconhecem a relevância do desempenho da *diplomatie d’influence* para o desenvolvimento de um Estado. Um dos exemplos que torna essa “engenharia cultural” possível é o inventismo francês em seus museus, que atrai o interesse de outros países também para fazer parcerias (GAZEAU-SECRET, 2013). Isso demonstra a preocupação francesa em manter seus valores culturais ativos, já que é um meio que garante suas relações com outros países.

Sendo, portanto, um dos mecanismos do Estado francês, a *diplomatie d’influence* trabalha também de forma a garantir a promoção da cultura e ideais, fazendo com que sua influência seja cada vez mais estabelecida no meio internacional. O Estado se torna peça-chave nessa ação ao se observar seu engajamento através de políticas que reforçam o ensino da língua francesa no exterior e o intercâmbio artístico dentro das diretrizes de ações diplomáticas (JUPPÉ; SCHWEITZER, 2008).

Dentre as prioridades da ação cultural prescritas no *Livre blanc sur la politique étrangère et européenne de la France 2008 – 2020* (Livro Branco sobre a política externa e europeia da França 2008-2020), aponta-se que $\frac{3}{4}$ dos gastos estatais são voltados para, principalmente, o ensino da língua francesa no estrangeiro. Isso representa para a estruturação da política externa que o Estado francês busca pela efetivação de uma estratégia que visa alcançar e difundir a cultura francesa externamente, fazendo-se cada vez mais presente no cenário internacional.

A partir desses apontamentos, é possível também analisar que “o Estado francês promoveu políticas de influência mesmo em tempos de crise ou, pelo menos, de transição” (FOUCHER apud VICENT, 2013, tradução livre)¹⁴. Desse modo, compreende-se que a França se estruturou ao decorrer do tempo de forma a se tornar influente graças à iniciativa de difusão cultural.

Vincent (2013) cita que a influência francesa se repousa sobre 3 pilares, sendo eles: 1) a língua, o pensamento e a cultura; 2) sua presença econômica; 3) sua contribuição ao sistema internacional para gestão de crises e regulação. Mais uma vez, a língua e a cultura tomam um espaço de destaque, fazendo com que seu modelo de influência seja mais reconhecido e sua atuação mais evidente.

¹⁴ Texto original: « L’État français a promu des politiques d’influences lors de périodes de crise ou, du moins, de transition ».

Gazeau-Secret (2009) também trabalha sobre a diversidade como outro tópico valorizado pelo Estado francês, o que acaba por fazer com que isso esteja presente no planejamento da política externa do país. Ao analisarmos que a República Francesa é composta por territórios ultramarinos e que ainda apresenta forte ligação com suas ex-colônias, é possível constatar seu grande envolvimento com diferentes povos e culturas dentro de seu próprio território.

Isso faz com que haja uma promoção pela diversidade cultural, valorizando todas as línguas e culturas, mas sempre remetendo a diversidade francesa em primeiro lugar (GAZEAU-SECRET, 2009). Se relacionarmos, então, o contexto atual francês e a posição em que o país conseguiu se estabelecer nas relações internacionais, se torna interessante observar a trajetória da França para que ela pudesse conquistar o prestígio que tem agora, no início do século XXI.

É necessário reconhecer que o Estado francês soube utilizar suas experiências internas para chegar até outras sociedades e se tornar exemplo daquilo que viria a ser descrito como “direitos do homem” e, mais tarde, direitos humanos. Por isso, pode-se dizer que a França é um Estado de grande importância por se tornar um modelo de ideais para outros, universalizando seus valores.

A partir dessa universalização, é possível observar o primeiro caso de *soft power* francês. Tratando como uma herança, o Estado francês tem, então, os direitos humanos incorporados em sua política externa mesmo nos dias atuais. A promoção desses direitos passa, então, a ser uma estratégia desenvolvida pelo Estado, de forma a ser integrada através da cooperação cultural (JUPPÉ; SCHWEITZER, 2008). Aqui é possível perceber o modo como a França aproveita de questões já trabalhadas por outros países, entretanto, reforça a valorização de sua ação cultural para conduzir sua prática política. A França mantém uma estruturação política preparada para a utilização de sua cultura, fazendo com que sua influência se fortaleça sobre outros países.

2.3 OS VALORES CULTURAIS FRANCESES COMO RECURSOS ESTRATÉGICOS DE PODER

Nesta seção pretende-se evidenciar a forma pela qual a França utiliza seus valores culturais como recursos estratégicos. Isso significa que, por meio da divulgação e propagação de seus ideais, ela fortifica seu poder no sistema internacional. No caso francês, o impacto cultural é fortemente relevante em todas as suas áreas de atuação. Para reforçar esse argumento, serão analisados aqui resultados de índices que englobam essa perspectiva.

As colocações alcançadas pelo país no *Soft Power 30*¹⁵ mostram que a França liderou o *ranking* de forma geral nos resultados dos anos de 2017 e 2019¹⁶. O índice do *Soft Power 30* utiliza em sua metodologia as análises de seis categorias, sendo elas: 1) digital (infraestrutura digital de um país); 2) empreendimento (atratividade do modelo econômico); 3) educação (nível de capital humano e as contribuições de um país em bolsas de estudos e atratividade para estudantes internacionais); 4) cultura (apelo de valores culturais de uma nação); 5) engajamento (força da rede diplomática que um país dispõe); e 6) governo (empenho em promover a liberdade, os direitos humanos e a democracia)¹⁷. Além dessas categorias, também são realizadas pesquisas internacionais, o que possibilita uma estruturação analítica abrangente. Se considerarmos os resultados das Tabelas 2 e 3, percebemos que a França se destaca, sobretudo, no engajamento que se dá através das redes diplomáticas. O campo digital também vem sendo uma área de forte investimento para o país, contribuindo cada vez mais para a continuidade e o fortalecimento de seu desenvolvimento diplomático. Assim, torna-se claro que os veículos digitais também passam a contribuir de maneira significativa para a disseminação cultural do país.

Tabela 2. Resultados da França no *Soft Power 30* em 2017

Área de atuação	Colocação	Resultado Geral
Digital	4	-
Empreendimento	19	-
Educação	8	-
Cultura	3	-
Engajamento	1	-
Governo	18	-
Votação Internacional	5	-
Resultado Geral	1	75,75

¹⁵ Índice desenvolvido pelo grupo *Portland e USC Center on Public Diplomacy*, para listar os 30 países que mais desenvolvem e praticam a imagem do *soft power* global atualmente. Sendo produzido desde o ano de 2015, esse índice contribui para analisar os recursos de *soft power* na política externa dos países que serão capazes de mudar os eventos do futuro através desse poder. Fonte: www.softpower30.com. Acesso em: 16 out. 2020.

¹⁶ Ressalta-se que o índice *Soft Power 30* começou a ser publicado a partir do ano de 2015. Dessa forma, os *rankings* anteriores apresentaram a liderança de outros países, sendo líder o Reino Unido, nos anos de 2015 e 2018, e os Estados Unidos, no ano de 2016. Fonte: <https://softpower30.com/>. Acesso em: 09/12/2020.

¹⁷ O índice *Soft Power 30* compara a força relativa dos recursos de *soft power* dos países; avaliando a qualidade das instituições políticas de um país, a extensão de seu apelo cultural, a força de sua rede diplomática, a reputação global de seu sistema de ensino superior, a atratividade de seu modelo econômico e o envolvimento digital de um país com o mundo. Fonte: www.softpower30.com/what-is-soft-power/. Acesso em: 20 nov. 2020.

Fonte:elaborada pela autora com base em *Portland* e USC Center on Public Diplomacy (2020).

Tabela 3. Resultados da França no *Soft Power* 30 em 2019

Área de atuação	Colocação	Resultado Geral
Digital	4	-
Empreendimento	18	-
Educação	8	-
Cultura	3	-
Engajamento	1	-
Governo	15	-
Votação Internacion	3	-
Resultado Geral	1	80,28

Fonte: elaborada pela autora com base em *Portland* e USC Center on Public Diplomacy (2020).

O especialista em história francesa Zaretsky (2017) analisa justamente a relação que existe sobre o caso da inauguração do Louvre Abu Dhabi com a colocação francesa no *Soft Power* 30 do ano de 2017. Fica claro observar a maneira como a França usou o museu como uma arma de poder, sendo o discurso do presidente Macron a intenção legitimada de afirmá-la, ficando possível ver esse resultado no índice produzido pelo grupo de *Portland* e Centro de Diplomacia Pública da Universidade da Carolina do Sul.

A França também se destacou no *Quality of Nationality Index*¹⁸ (QNI) conquistando o 1º lugar no *ranking* desde seu primeiro ano de publicação, em 2011 (como demonstrado na Tabela 4). Sua metodologia analisa três fatores internos das nacionalidades: 1) força econômica; 2) desenvolvimento humano; e 3) paz e estabilidade; e dois fatores externos: 1) liberdade de trânsito; e 2) liberdade de acomodação.

Tabela 4. Resultados da França no QNI

Ano	Resultado	Colocação
2018	83,5%	1º
2017	83,8%	1º

¹⁸ Índice projetado pelo Dr. Christian H. Kaelin e pelo Prof. Dimitry Kochenov para classificar os valores objetivos de todas as nacionalidades mundiais como estatutos legais interligados ao Estados. Analisa-se fatores de negócios, turismo, desenvolvimento social e qualidade de vida a fim de demonstrar que algumas nacionalidades são um conjunto de direitos, enquanto outras são obrigações claras para seus titulares. Sendo assim, algumas nacionalidades oferecem um status legal melhor do que outras. Fonte: <https://www.nationalityindex.com>. Acesso em: 02 nov. 2020.

2016	84,3%	1º
2015	83,0%	1º
2014	83,3%	1º
2013	83,1%	1º
2012	83,6%	1º
2011	83,3%	1º

Fonte: elaborada pela autora com base em *Quality of Nationality Index* (2020).

De acordo com a metodologia do QNI, um país que apresenta uma taxa entre 75-100% é classificado como de alta qualidade. Através da análise da Tabela 4, evidenciando os resultados obtidos entre os anos de 2011 a 2018, é possível observar que a França sempre manteve seu índice estável, conseguindo permanecer no 1º lugar durante todos os anos. Como esse índice visa demonstrar a qualidade dos valores nacionais de um Estado, fica claro que o Estado francês assume uma posição de líder global no que diz respeito a valores internos, e isso acaba por reforçar ainda mais seu *soft power* empregado no sistema internacional.

A França apresenta diferentes estratégias para fortalecer sua cultura, seus valores e como sua imagem é transmitida ao mundo. Seus museus, monumentos e centros culturais nacionais são exemplos claros da tentativa de transmissão cultural, que vem sendo executada de maneira a despertar, principalmente, os interesses turístico e educacional internacionais. Esses pontos permitem que os valores franceses consigam ser disseminados de maneira exitosa.

2.3.1 Centros culturais franceses

Como a cultura tem a capacidade de operar como um instrumento de poder, ela é igualmente importante para que um país consiga estabilizar seu poder e se desenvolver no sistema internacional, ainda mais almejando alcançar o nível de potência global. Centros culturais nacionais são importantes exemplos para que se consiga perpetuar a identidade de um Estado dentro de outras culturas.

No caso francês, nota-se essa valorização cultural desde muito cedo, acontecendo através da implantação de centros culturais nacionais em outros países. Como exemplo, é possível apontar a criação da primeira associação cultural, que foi datada em 1883, a *Alliance Française* (Aliança Francesa). Ela tinha como intuito a promoção do ensino da língua francesa

no exterior, bem como a disseminação de sua cultura como um todo. Por meio de seus atores de ação, a política cultural externa da França foi inventada e se fortaleceu (CHAUBET, 2004).

De acordo com Chaubet (2004), a AF pode ser considerada a maior multinacional do mundo por conter seus centros culturais em diversos países. O autor também define a associação como uma “diplomacia da língua”, sendo essa a principal diplomacia a ser utilizada pelo Estado francês. Assim, vemos que a França foi capaz de estabelecer relações diplomáticas ainda mais fortes e duradouras através de sua língua, a considerar pelo êxito da Aliança Francesa, que completou 137 anos em 2020.

Figura 1. Prédio da Aliança Francesa de Paris em 1920



Fonte: *Fondation Alliance Française*, 2020¹⁹.

A partir do final do século XX, essa valorização se tornou ainda maior, com novos centros culturais como: Agência para o Ensino Francês no Exterior (AEFE)²⁰, *Institut Français* (Instituto Francês), *Campus France* e *France Expertise Internationale* (FEI).

Como exposto por Martel (2013), a França pode ser considerada como um grande país de *soft power*, graças à valorização de sua história, sua língua e sua cultura, pela organização administrativa que apresenta e por sua diplomacia. Através dessa percepção, se reconhece a dimensão da rede cultural global que o Estado francês possui, que se torna possível, principalmente, pela atuação dos Institutos Franceses e Alianças Francesas ao redor do mundo.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.fondation-alliancefr.org/?cat=538>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

²⁰ *Agence pour l'enseignement français à l'étranger*.

Refletindo sobre a noção de poder, Zakharova (2017) analisa o impacto dos centros culturais para o *soft power* de um país, podendo ser considerado como um investimento para o futuro se considerarmos que:

O *soft power* precisa de tempo (a França estabeleceu seu primeiro centro no final do século XIX), enquanto o *hard power* é imediato; os resultados do *soft power* têm longa duração, enquanto que as ações militares e econômicas do *hard power* apresentam um efeito rápido, mas de pouca duração (ZAKHAROVA, 2017, p. 22, tradução livre)²¹.

Sendo assim, como já foi visto anteriormente com a definição de *soft power*, ainda que seus recursos sejam difíceis de usar, sendo necessária uma certa estratégia, o *soft power* é duradouro quanto aos resultados já obtidos.

Birambaux (2011) comenta que o *Institut Français* é outro exemplo desse investimento. O Instituto foi criado em 2011 e, a partir de 2012, fez parte de um projeto de estruturação da política cultural francesa em conjunto com as Embaixadas. De acordo com a autora, essa fase de transição em que o Instituto foi submetido, foi essencial para que ele pudesse expandir e desenvolver um maior alcance em outros países contribuindo para a disseminação da cultura francesa.

Dessa forma, pode-se perceber, mais uma vez, que os centros culturais devem ser considerados como recursos estratégicos por contribuírem para a difusão de seus valores e, para o caso francês especificamente, para sua *diplomatie d'influence*. A partir dessa ideia, Birambaux (2011, p. 5, tradução livre)²² aponta que:

[...] vale destacar que o *soft power* da cultura francesa no mundo tem sido possível graças ao significativo financiamento público da Francofonia no mundo, bem como a um forte compromisso do Estado francês com sua cinematografia, o que tem permitido a difusão de seus valores através da tela.

Assim, o investimento à Francofonia é importante para a França, pois permite a maior efetivação no que diz respeito à promoção de seus valores culturais para o externo. Isso faz com que sua influência seja eficaz e abrangente e, de maneira, como reforça Nye (2004) sobre a presença do *soft power*, permite com que seja possível exercer seu poder sobre outros países.

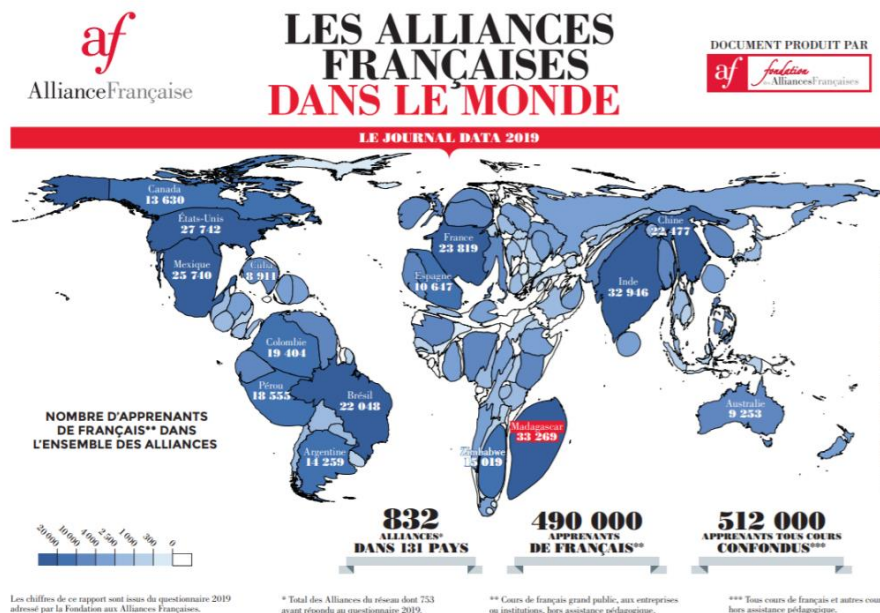
O MEAE (2015) considera as Alianças Francesas e os Institutos franceses como atores de ação cultural exterior, se apresentando, dessa forma, indispensáveis para a elaboração e para

²¹ Texto original: “*The soft power needs time (France established first centre abroad at the end of nineteen century), while hard power is immediate; the results of soft power have a long duration, while the hard power from economical and militaries actions give a fast outcome but of short duration*”.

²² Texto original: “[...] cabe destacar que el poder de atracción de la cultura francesa en el mundo ha sido posible gracias a una importante financiación pública de la francofonía em el mundo, así como una fuerte apuesta del Estado francés por su cinematografía que há permitido una difusión de sus valores a través de la pantalla”.

o sucesso da política cultural do país. No ano de 2020, a França conta com um total de 98 *Instituts Français*²³ e mais de 800 *Alliances Françaises* que ensina a cada ano mais de 400.000 alunos²⁴. Ao analisarmos a Figura 2, nota-se que o alcance da língua francesa é abrangente, se fazendo presente em todos os continentes e apresentando um número elevado de pessoas que aprendem sua língua através do mundo todos os anos, o que se torna possível graças à Aliança Francesa. Isso acaba por comprovar todo desenvolvimento e investimento da França na área de centros culturais. Esse investimento intensifica ainda mais a forma como seu modelo estratégico é pensado e praticado, o que contribui de forma significativa para o fortalecimento de sua influência internacional.

Figura 2. As Alianças Francesas no mundo (cf. Anexo A)



Fonte: *Fondation Alliance Française*, 2019²⁵.

As análises apresentadas neste capítulo fazem com que seja possível observar que a França construiu seu *soft power* através de práticas que colocavam sua cultura em evidência, apresentando como o principal exemplo o caso da promoção da língua francesa. A partir disso, foi possível desenvolver o entendimento para compreender de forma mais prática o assunto relacionado à francofonia que será tratado no próximo capítulo. A francofonia é essencial para

²³ Fonte: <https://www.if.institutfrancais.com/fr>. Acesso em: 26 out. 2020.

²⁴ Fonte: www.diplomatie.gouv.fr/fr/politique-etrangere-de-la-france/diplomatie-culturelle/le-reseau-culturel-francais-a-l-etranger/. Acesso em: 10 nov. 2020.

²⁵ Disponível em: <<https://www.fondation-alliancefr.org/?p=50988>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

o desenvolvimento da França, representando um dos pilares de sustentação para sua política, diplomacia e mesmo relações comerciais. Como a francofonia significa o conjunto cultural francês, de forma geral, é preciso analisar agora o fato de o Estado tratá-la como prioridade e de que forma isso se relaciona com seu *soft power*.

3 A DISSEMINAÇÃO DA FRANCOFONIA COMO MEIO DE FORTALECIMENTO DO *SOFT POWER* FRANCÊS

Neste capítulo, pretende-se trabalhar com a ideia de como a disseminação da francofonia contribuiu para o fortalecimento do *soft power* francês no início do século XXI. Através da análise do processo em que se deu a disseminação, é possível observar que essa ação vem acontecendo desde a década de 1880, com a criação da Aliança Francesa. Dessa forma, o objetivo desse capítulo é investigar de que maneira ela continua sendo um instrumento importante para que o Estado francês siga estruturando e fortalecendo seu poder na política internacional.

A francofonia não representa apenas a França, mas sim todo um conjunto de pessoas e Estados que compartilham a língua francesa. Ainda assim, aqui será trabalhado a forma como ela se relaciona com o poder empregado pelo Estado francês na política internacional, considerando que a diplomacia francesa prioriza sua disseminação nas diretrizes de sua estruturação diplomática.

Sendo dividido em três seções, neste capítulo serão examinadas questões como: “O que é francofonia?”; “de que forma ela veio a se tornar uma instituição?”; “como a língua francesa assume uma posição de poder dentro do sistema internacional?”. Sendo assim, a primeira seção abordará sobre o conceito de francofonia e o que ela representa para a França. A segunda seção tratará sobre a institucionalização da francofonia, que se concretizou com a criação da Organização Internacional da Francofonia (OIF), analisando a maneira pela qual sua construção histórica influenciou a estruturação da política cultural da França. Na terceira seção, será trabalhada a maneira como a língua francesa pode ser considerada um vetor de poder em desenvolvimento no sistema internacional, com sua especificidade própria, já que ela se torna responsável pela propagação cultural francesa como um todo.

3.1 O CONCEITO DE FRANCOFONIA

A imagem francesa, de forma internacional, está diretamente associada à sua língua, sua cultura, seus costumes. Tudo isso engloba a ideia do que é o conceito de francofonia. Como é trabalhado por Gazeau-Secret (2010), o termo “francofonia” foi inventado pelo geógrafo francês Onésime Reclus, no final do século XIX, para designar um grupo de pessoas que utilizam o francês como língua oficial ou são, simplesmente, francófilas – aqueles que admiram

a língua e cultura francesas. Com o passar do tempo, o termo foi adquirindo mais sentidos, sendo apresentados por Dereumaux (2008, p. 21, tradução livre)²⁶ da seguinte forma:

A primeira definição se aplica aos países e às zonas onde o francês é utilizado como meio de comunicação, oficial ou não. A segunda utilização do termo serve para descrever uma organização oficial de países e de áreas geográficas em que os líderes se encontram regularmente para trocar pontos de vista e elaborar projetos e políticas em comum. Mas a Francofonia é também utilizada para definir não apenas uma abordagem linguística ou geográfica, mas também cultural; uma atitude comum, a crença em certo espírito, ideologia e maneira de se inspirar pela história, a língua e a cultura francesa, sem utilizar, necessariamente, o francês cotidianamente.

Ao analisarmos o contexto para a criação desse conceito, é possível notar que a francofonia se estabeleceu como um meio de reconhecimento para as comunidades que apresentam o francês como língua oficial. A disseminação da francofonia, sendo reforçada por sua institucionalização (que será tratada mais à frente), vem a ser, então, um fortificador para que a cultura francesa se faça presente e se consolide em outros lugares.

Como explicado por Dereumaux (2008), o conceito foi adquirindo mais sentidos. Dessa maneira, observa-se que, a partir do século XX, com a institucionalização da francofonia, passou a existir para a França (e para a comunidade francófona como um todo) a francofonia com “f” minúsculo, representando os falantes da língua francesa, e a Francofonia com “F” maiúsculo, a instituição que estabelece a relação entre os países dentro da comunidade francófona (OIF, 2020). Aqui percebe-se, então, que, após um processo de institucionalização, a francofonia passou a desempenhar uma função voltada na garantia da união dos países dentro da comunidade, a fim de promover a língua francesa, compartilhada por todos. É importante ressaltar que a promoção da língua passa, então, a ser um dos principais meios estratégicos que a Francofonia apresenta para sua manutenção. Para a França, isso representa seu meio principal de influência internacional.

Torna-se importante, portanto, compreender o contexto e a forma de estruturação para que uma francofonia institucional fosse possível. A partir da institucionalização, a comunidade francófona conseguiu se desenvolver, permitindo com que o alcance da língua francesa

²⁶ Texto original: « *La première définition s'applique aux pays et aux zones où le français est utilisé comme moyen de communication, officiel ou non. La deuxième utilisation du terme sert à décrire une organisation officielle de pays et d'aires géographiques dont les leaders se rencontrent régulièrement pour échanger des vues et élaborer en commun des projets et des politiques. Mais la Francophonie est aussi utilisée pour définir une approche pas seulement linguistique ou géographique mais également culturelle; une attitude commune, la croyance en un certain esprit, une idéologie et une manière de faire inspirées par l'histoire, la langue et la culture française³, sans pour autant utiliser forcément le français quotidiennement* ».

aumentasse através do mundo. Assim, é possível observar o papel de sua língua na diplomacia cultural francesa e como isso também impacta seu *soft power*.

3.2 FRANCOFONIA COMO INSTITUIÇÃO

Este item é voltado para analisar a francofonia de forma institucionalizada e o que isso possibilitou para os países participantes da comunidade e para a língua francesa em si. A data de 20 de março de 1970 marcou a institucionalização da francofonia com a criação da Agência de Cooperação Cultural e Técnica (ACCT). A fundação dessa organização contou com a participação, em primeiro momento, de 21 Estados com o intuito do “compartilhamento de uma língua comum, o francês, ela [a organização] é encarregada de promover e disseminar as culturas de seus membros e de intensificar a cooperação cultural e técnica entre eles” (DEREUMAUX, 2008, p. 50, tradução livre)²⁷.

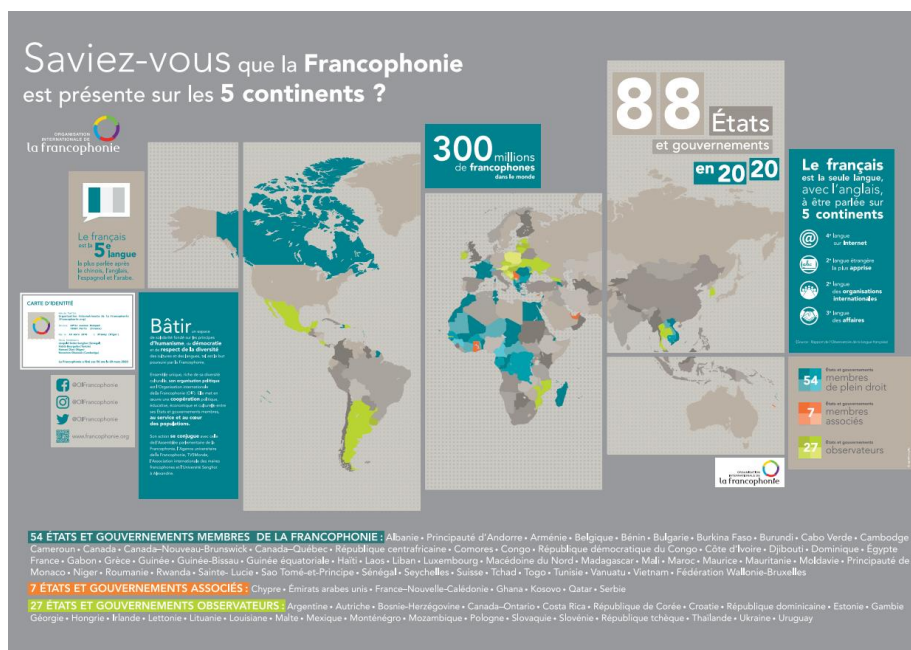
Com o passar do tempo, a ACCT possibilitou a evolução e o progresso do impacto da francofonia e, dessa forma, passou a se chamar Agência da Francofonia em 1995 e, em 1999, adotou-se o nome de Agência Intergovernamental da Francofonia, graças à sua atuação. E foi no ano de 2005 que, enfim, recebeu o nome de Organização Internacional da Francofonia (OIF), legitimando a comunidade francófona como um todo (DEREUMAUX, 2008). A partir disso, percebemos que a francofonia passou por um processo de desenvolvimento para que pudesse se consolidar em uma instituição e, com essa consolidação, adotou o objetivo central de disseminação da cultura ocorrendo através da língua francesa.

No ano de 2020, a OIF conta com a participação de 88 países, sendo: 54 países membros, 7 membros associados e 27 países observadores²⁸ (Figura 3). A figura a seguir apresenta quais são esses países participantes da organização e, com base nela, é possível notar que, mesmo se tratando de uma comunidade que engloba países que compartilham do francês, a Francofonia também acolhe outros países que não possuem verdadeiramente a língua francesa como língua oficial. Esse fato é uma demonstração de cultura estratégica, que faz com que a cultura empregada pela língua francesa passe a ser desejada por outras nações. Isso demonstra que a OIF se tornou uma instituição valorizada no sistema internacional, sendo isso reforçado pelo fato de a francofonia estar presente nos cinco continentes do mundo.

²⁷ Texto original: « [...] *partage d'une langue commune, le français, elle est chargée de promouvoir et de diffuser les cultures de ses membres et d'intensifier la coopération culturelle et technique entre eux* ».

²⁸ Fonte: www.francophonie.org/88-etats-et-gouvernements-125. Acesso: 27 maio 2020.

Figura 3. Mapa da Francofonia (cf. Anexo B)



Fonte: OIF, 2020.

A cultura estratégica, então, se instala no desenvolvimento da francofonia institucional. Snyder (1977, p. 9, tradução livre)²⁹ apresenta que a “cultura é perpetuada não apenas por indivíduos, mas também por organizações”. Um dos papéis da OIF se torna, dessa forma, perpetuar as culturas francófonas no meio internacional. A cultura francesa, podendo ser citada como a principal a se relacionar com sua língua, desenvolve-se como uma influência no sistema internacional. Para França, isso representa um meio de fortalecimento para sua política externa.

A partir da análise aqui demonstrada, é possível perceber o rápido desenvolvimento alcançado pela organização com o considerável aumento do número de países participantes. A OIF, dessa forma, se faz essencial na promoção da língua francesa por também se apresentar como um espaço de cooperação, o que possibilita maiores trocas entre seus membros.

3.2.1 O reflexo histórico da francofonia para a França

Aqui, nesta seção, faz-se importante mencionar sobre o processo histórico da francofonia para compreender sua imagem e atuação em relação à França no período de início

²⁹ Texto original: “*Culture is perpetuated not only by individuals but also by organizations*”.

do século XXI. Sua fase institucionalizada completou 50 anos em 2020, mas todo o trabalho voltado para garantir meios de unir a comunidade francófona começou muito antes.

A Aliança Francesa é um exemplo de ação que representa o início da disseminação da francofonia por parte do Estado francês. Essa iniciativa, que ficou sob a responsabilidade do então embaixador Paul Cambon, foi denominada como “associação nacional para a propagação da língua francesa nas colônias e no estrangeiro”³⁰ (DEREUMAUX, 2008, p. 39). É possível percebermos, a partir disso, que objetivo de fundação da Aliança Francesa era iniciar o processo de propagação da língua francesa através do mundo.

A partir dela, viu-se a importância de investir também em outros meios semelhantes de difusão (centros culturais) para que o desejo externo em conhecer a cultura francesa continuasse crescendo. Com isso, é possível perceber a grande valorização que a Aliança Francesa proporcionou para a cultura da França no meio internacional. No ano de 1958, ocasião da comemoração de aniversário de 75 anos da instituição, Charles De Gaulle deixou expressa tamanha valorização em seu discurso ao mencionar:

A Aliança Francesa é uma expressão de coisa francesa através do mundo. Houve uma vez a França. Ela vivia, ela pensava, agia durante os séculos. Era preciso que o que ela vivesse, o que ela pensasse e as ações que ela realizasse fossem conhecidas tanto quanto possível por toda a humanidade [...] E então, a França vive, a França pensa, a França age. A coisa francesa é uma coisa de nosso tempo pela excelência. [...] Não faríamos, não teríamos feito um mundo sem a França. Não fazemos hoje sem ela, sem seu pensamento e sem sua ação (GAULLE, 1970, p. 61-62, tradução livre)³¹.

Através dessa passagem do discurso, percebemos que De Gaulle coloca a Aliança Francesa como alicerce para que a França se torne tudo o que o mundo precisaria. Vemos que, por sua afirmação, não teria mundo sem a França. A imagem francesa, sendo vista como única, passa, então, a ser construída de forma a ser a responsável pela concretização do intelecto que o mundo precisa para se espelhar. A França é necessária para o desenvolvimento internacional, através de seus ideais, seu pensamento e sua ação. De Gaulle constrói, portanto, por meio de um discurso, uma imagem de universalidade para a França no mundo. Isso passou a se tornar algo que contribuiu para a construção de suas relações com outros países.

³⁰ « *Association nationale pour la propagation de la langue française dans les colonies et à l'étranger* ».

³¹ Texto original: « *L'Alliance Française, c'est expression de la chose française à travers le monde. Il y avait une fois la France. Elle vivait, elle pensait, elle agissait à travers les siècles. Il fallait que ce qu'elle vivait, ce qu'elle pensait et les actions qu'elle accomplissait fussent connues autant que possible de l'humanité entière [...] Et puis, la France vit, la France pense, la France agit. La chose française est une chose de notre temps par excellence. [...] On ne ferait pas, on n'aurait pas fait le monde sans la France. On ne le fait pas aujourd'hui sans elle, sans sa pensée et sans son action* ».

Com base nessa análise, é possível notar a presença de uma construção estratégica na valorização da AF, a partir do que a cultura francesa representa. O desenvolvimento francês é notado, principalmente, pela forma com que se faz presente em outros países por sua cultura. Sendo a Aliança Francesa, denominada como a “coisa francesa através do mundo” por De Gaulle, um dos meios por tornar essa presença possível, o *soft power* francês é condicionado pela sua existência. Pelo pensamento de Nye (2004), o *soft power* se trata da capacidade de moldar as preferências externas. Pela atuação da AF passa a ser possível instalar a influência francesa no estrangeiro, de forma a fortificar o poder francês.

O presidente da Aliança Francesa de Paris, entre os anos de 2004 e 2014, Launoit (2006) reconhece a Aliança Francesa como “um fator de radiação da cultura francesa”. Assim, o maior objetivo da instituição é proporcionar de maneira satisfatória o ensino de qualidade da língua francesa no estrangeiro, possibilitando um maior alcance cultural nos países em que a instituição se faz presente. O autor ainda apresenta que “a missão da aliança deve ser ampliada, o francês permite exprimir toda questão nos domínios variados como a ecologia, a bioética, a diversidade cultural, a relação religião-política, a segurança, o direito, etc” (LAUNOIT, 2006, p. 162, tradução livre)³². Com isso, vemos que a AF assume a responsabilidade de permitir ao francês o espaço de expressão em diversos campos, o que acaba por enriquecer a língua ainda mais, tornando-a atrativa no campo da aprendizagem internacional.

A instituição também apresenta relevância na educação para a França por ser encarregada da emissão de certificados de proficiência que são reconhecidos pela Educação Nacional da França e em nível europeu (LAUNOIT, 2006). Esses certificados são divididos em categorias, sendo as principais: 1) Teste de Conhecimento do Francês (TCF)³³; 2) Diploma Aprofundado em Língua Francesa (DALF)³⁴; 3) Diploma de Estudos em Língua Francesa (DELF)³⁵; e 4) Teste de Avaliação do Francês (TEF)³⁶. Com base na Figura 4, é possível reconhecer o valor da difusão causado pela Aliança Francesa. Isso é reforçado pelo alto número de candidatos de diferentes países que se interessaram pela certificação em 2019 (3,5% a mais em relação ao ano de 2018). Assim, demonstra-se que a Aliança Francesa foi um pilar para o início da instituição da Francofonia e continua sendo um apoio importante para a disseminação da mesma em âmbito internacional.

³² Texto original: « (...) *la mission de l’alliance doit être élargie, le français devant permettre d’exprimer toute question dans des domaines aussi variés que l’écologie, la bioéthique, la diversité culturelle, le rapport religion-politique, la sécurité, le droit, etc* ».

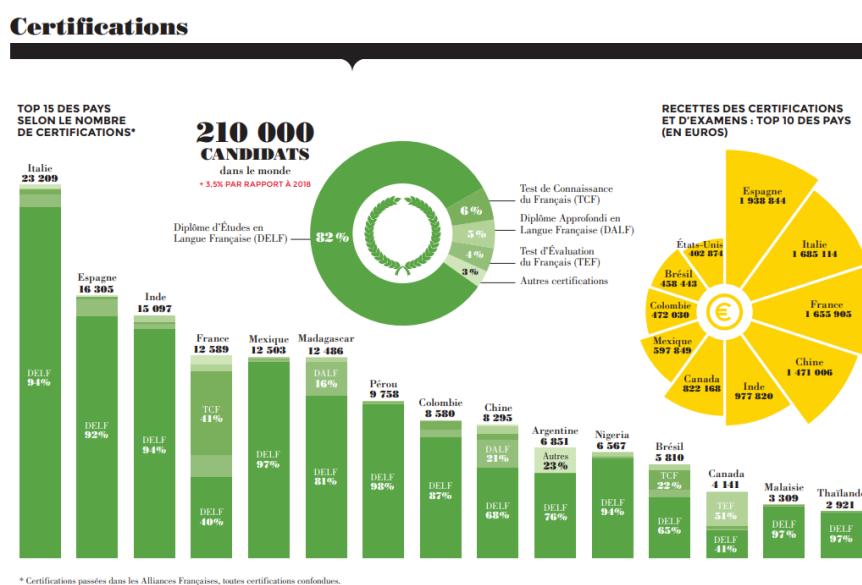
³³ *Test de Connaissance du Français.*

³⁴ *Diplôme Approfondi en Langue Française.*

³⁵ *Diplôme d’Études en Langue Française.*

³⁶ *Test d’Évaluation du Français.*

Figura 4. Certificados de francês (cf. Anexo C)



Fonte: *Fondation Alliance Française*, 2019³⁷.

A Aliança Francesa, então, pode ser considerada como a instituição pioneira na divulgação e propagação da língua e cultura francesas. Ainda assim, não foi a única a possibilitar que a francofonia se institucionalizasse posteriormente.

Dereumaux (2008) apresenta outras iniciativas que contribuíram para que a francofonia pudesse se fortalecer ao passo de vir a se institucionalizar. Outras instituições como a União Internacional dos Jornalistas de Imprensa de Língua Francesa (UIJPLF)³⁸ (uma iniciativa canadense), a Conferência dos Ministros da Educação Nacional dos países francófonos (CONFEMEN)³⁹ e a Associação das Universidades parcialmente ou inteiramente de língua francesa (AUPELF)⁴⁰, criada em Montreal, que veio a se tornar mais tarde a Agência Universitária da Francofonia (AUF)⁴¹, se formaram entre as décadas de 1950 e 1960 e foram o que deram o impulso para a concretização de uma comunidade que unisse os países francófonos, sendo essa ação um desejo já existente, principalmente entre os líderes africanos (DEREUMAUX, 2008). Através disso é possível perceber que os outros países, que partilham

³⁷ Disponível em: <<https://www.fondation-alliancefr.org/?p=50988>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

³⁸ *Union internationale des journalistes de la presse de langue française*.

³⁹ *Conférence des ministres de l'Éducation nationale de pays francophones*.

⁴⁰ *Association des universités partiellement ou entièrement de langue française*.

⁴¹ *Agence universitaire de la Francophonie*.

da língua francesa, também se mostravam interessados pela criação de uma organização que pudesse vir a representar seus interesses em comum.

A OIF, portanto, representa para seus países membros a concretização de se estabelecer laços para valorizar e promover o que eles apresentam em comum, a língua francesa. Ao tratar sobre a língua, vimos que é através das palavras ela opera sua difusão de poder. As palavras francesas passam a apresentar uma unicidade, pois são responsáveis por transmitir a imagem e os valores que a França deseja que o mundo conheça. Com essa promoção realizada pela OIF, a língua francesa se fortifica e o poder gerado pela francofonia passa a ter um maior alcance.

3.2.2 A contribuição da OIF para a francofonia

A criação da OIF, organização que atualmente desempenha um papel fundamental para a continuação da francofonia, partiu da ideia de quatro chefes de Estados: Léopold Sédar Senghor, Habib Bourguiba, Hamani Diori e Norodom Sihanouk, que reconheciam a necessidade de estreitar os laços entre os países francófonos para garantir um desenvolvimento de suas comunidades.

Dessa maneira, a OIF participa ativamente na execução dos interesses da francofonia que se dão, principalmente, através da compreensão sobre qual seria a ligação entre a política internacional e uma comunidade cultural (DEREUMAUX, 2008). Ao analisarmos sobre essa ligação, fica claro notar aqui como cultura e poder se relacionam na política internacional, já que a OIF, sendo uma comunidade cultural, passa a apresentar uma relevância política, representando a francofonia e proporcionando o engajamento da língua francesa no meio internacional. Isso acaba por contribuir positivamente para seus países membros, principalmente para a França.

É possível, então, reconhecer que a Francofonia se apresenta não somente como “um fenômeno linguístico, mas igualmente um exemplo de cooperação internacional ou ainda como uma combinação de valores comuns” (DEREUMAUX, 2008, p. 55, tradução livre)⁴². Isso quer dizer que a OIF, enquanto organização que propicia um ambiente para estimular objetivos comuns visando à promoção cultural, é responsável por proporcionar também uma cooperação internacional entre seus membros.

⁴² Texto original: « [...] un phénomène linguistique mais également un exemple de coopération internationale ou encore un faisceau de valeurs communes ».

Dentre as funções da OIF ainda consta a promoção de programas que contribuam para o desenvolvimento da língua e cultura francesas, da diversidade cultural da comunidade, da democracia, da igualdade entre homens e mulheres, entre outros. Um exemplo interessante a ser citado é o caso da “*Offre éducative à la maison*” (oferta educativa em casa), ação iniciada em março de 2020, em decorrência da pandemia causada pela Covid-19⁴³. Essa iniciativa tinha como objetivo encorajar as pessoas a permanecerem em suas casas para combater a propagação do vírus e, com isso, manter o ensino da língua francesa (SENEPLUS, 2020). Oferecendo opções para iniciantes na língua e adultos que já têm o devido conhecimento, esse método permite o estudo da língua francesa através de vídeos, atividades e áudios, além de também adaptar os professores à nova realidade de ensino à distância⁴⁴.

É possível, através disso, perceber também a concretização do fortalecimento de *soft power*, não apenas da França, mas da francofonia em si. Vimos que, de acordo com Nye (2004), as questões culturais são extremamente relevantes para o *soft power*. Essa relevância acaba sendo evidenciada pelos “exemplos que dá por suas práticas internas e políticas, e na forma como trata suas relações com os outros” (NYE, 2004, p. 8, tradução livre)⁴⁵. Isso quer dizer, portanto, que a francofonia passa a disseminar um poder próprio através da importância que ela remete à França e aos países da comunidade francófona. Diante disso, é bastante notório que a França utiliza a educação como um recurso estratégico para fortalecer a disseminação da francofonia para o mundo.

3.3 A LÍNGUA FRANCESA COMO VETOR DE PODER EM DESENVOLVIMENTO

O objetivo desta seção é apresentar a forma como a língua francesa se desenvolve no meio internacional, demonstrando seu alcance em outros países, o que contribui para a formação do poder francês. Observamos anteriormente que o aspecto cultural pode ser considerado um importante instrumento de poder, sendo usado pelo Estado francês. Com isso, a língua é considerada como uma aliada para a França na formação de suas relações com outros países.

⁴³ Doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Fonte: www.coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso: 10 nov. 2020.

⁴⁴ Fonte: www.francophonie.org/la-langue-francaise-la-maison-1182. Acesso: 27 out. 2020.

⁴⁵ Texto original: “[...] *in the examples it sets by its internal practices and policies, and in the way it handles its relations with others*”.

Vimos que a linguagem é a principal responsável por transmitir os valores culturais de um determinado grupo. A partir do que já foi trabalhado sobre o conceito de linguagem, é possível relacionar o argumento de Staszak (2003, p. 1034 apud DEREUMAUX, 2008, p. 23, tradução livre)⁴⁶ que aponta que “a linguagem, já que contém as categorias sobre as quais nós projetamos o mundo (léxico, mas também sintaxe, gramática) determina uma visão do mundo: dois grupos que não falam a mesma língua não vivem no mesmo mundo”. Através dessa afirmação, compreende-se a magnitude da língua para cada cultura. Ainda que a língua esteja fortemente relacionada à questão geográfica, é importante ressaltar que ela pode ultrapassar barreiras, principalmente no mundo globalizado. Pode-se citar o exemplo da língua francesa, falada em todos os continentes do mundo (DEREUMAUX, 2008). Essa abrangência demonstra sua influência em diversos campos como no caso econômico, comercial e artístico.

Risso e Moura (2019) analisam a língua pela perspectiva do poder político. Assim, entendemos que uma nação passa a ter a capacidade de estabelecer relações com outros Estados ainda mais significativas através da valorização de sua língua:

Ter uma língua que é apreciada por outras nações ao ponto de ser utilizada nas negociações políticas, nos trâmites comerciais, nos principais eventos e organizações internacionais, faz com que sua cultura seja reconhecida internacionalmente uma vez que a língua está atrelada à cultura, elevando também sua importância político-econômica em suas relações com outros países do globo (RISSO; MOURA, 2019, p. 68-69).

Isso demonstra que a compreensão para essa abordagem se faz ainda mais notória quando se observa o papel da língua em si, que é um importante vetor de disseminação cultural para um país, podendo atuar também de maneira a valorizar interesses econômicos:

Do ponto de vista econômico, a língua é, ao mesmo tempo, matéria-prima alternativa (o pensamento, a fala, a escrita), fator de produção ou produto intermediário (a informação, os dados, a história ou o cenário), produto final (o discurso, o conto, o poema, o slogan, o romance, a letra de uma canção...), mas também o quadro regulamentar e normativo. Além disso, a língua poderia ser considerada como uma “externalidade” na medida em que o seu controle (ou a falta dele) e a sua partilha (ou ausência dela) criam condições mais ou menos favoráveis para a criação de valores. Esta última característica da língua é revelada no campo das relações econômicas internacionais, quanto mais não fosse apenas pelas trocas que a partilha de uma língua comum favorece (comércio de bens e serviços), mas também em certos setores como o da economia criativa ou do turismo (OIF, 2018, p. 18).

Aqui é possível observar que, dentro das relações internacionais, a língua se caracteriza como o meio propiciador em transmitir os valores culturais de cada nação durante as trocas

⁴⁶ Texto original: « [...] le langage, puisqu'il contient les catégories à travers lesquelles nous concevons le monde (lexique, mais aussi syntaxe, grammaire) détermine une vision du monde: deux groupes qui ne parlent pas la même langue ne vivent pas dans le même monde ».

entre os Estados. Risso e Moura (2019) afirmam que uma língua apreciada por outros Estados possibilita o interesse também por sua cultura e a cultura, como já se sabe, é um dos responsáveis pelo sucesso do *soft power*.

Contudo, a pluralidade multilinguística é uma realidade no meio internacional. A língua francesa se vê em constante dilema com a expansão e monopolização do inglês através do mundo e ainda passa por muitos desafios. Raffarin (2010) aponta essa questão quando destaca a falta de manuais traduzidos para a língua francesa em organizações internacionais, como a ONU (Organização das Nações Unidas). Dessa maneira, fez-se necessário uma atenção especial para a disseminação da francofonia que seria responsável ainda por garantir uma maior inserção dos países francófonos nas relações mundiais.

No ano de 2010, Gazeau-Secret (2010) reconhecia a transição de limitação pela qual a língua francesa passava, evidenciando que a língua francesa se encontrava na 9ª posição mundial. De acordo com a autora, essa limitação deveria ser sanada através do desenvolvimento de uma estratégia redirecionada que contasse com o apoio dos países da comunidade francófona. Isso deveria acontecer, principalmente, por a língua ser um dos principais vetores da influência francesa, não devendo ficar esquecida pelo Estado.

No ano de 2018, o francês passou a ocupar a 4ª posição de língua mais utilizada na internet, ficando atrás do inglês, do chinês e do espanhol, respectivamente, e foi classificado como a 2ª língua estrangeira aprendida nos países latino-americanos (OIF, 2018). A partir disso, é possível constatar a significativa contribuição da francofonia para a inserção da França no cenário internacional. Por meio de sua cultura, o Estado francês é reconhecido e apreciado no sistema internacional, analisando o fato de que a utilização da língua francesa vem crescendo cada vez mais.

Mesmo com esse desafio para a língua francesa, é importante ressaltar que a Francofonia reforça o apoio multilateral entre os espaços linguísticos do mundo. Em sua política integrada de promoção, ela apresenta objetivos de assegurar os interesses que ela partilha com outras línguas, generalizar a aprendizagem de línguas estrangeiras nos sistemas educativos e preservar a diversidade linguística dentro do espaço francófono, em harmonia com a língua francesa e suas línguas parceiras (SERVICE DES CONFÉRENCES INTERNATIONALES DE L'OIF, 2012).

O Estado francês, então, apresenta forte valorização no que diz respeito à francofonia e conservação da essência da língua francesa. Sendo essa valorização um dos pilares de sua política externa, faz-se importante também observar esse fato de forma a considerar que para o Estado, o desenvolvimento francês está relacionado com a preservação da língua:

A língua francesa é uma ferramenta insubstituível de nossas ideias, de nosso patrimônio e de nossa criação. Ela não é unicamente um meio de comunicação. A atração intelectual e cultural de nosso país e a vitalidade internacional da língua francesa estão diretamente ligadas (JUPPÉ; SCHWEITZER, 2008, p. 61, tradução livre)⁴⁷.

Ao longo deste trabalho, a francofonia foi empregada de forma a exemplificar como a cultura pode ser utilizada como um instrumento de poder. Por meio do que está empregado em sua política externa, vemos aqui que, para o Estado francês, a língua francesa é a principal responsável por transmitir os ideais e valores culturais do país, dessa forma é considerada como uma “ferramenta insubstituível”. Isso demonstra que nela está contida o meio de propagação de poder francês, por isso há tanto reconhecimento e cuidado por parte do Estado em relação à sua língua. Sendo assim, grande parte do poder francês, e mesmo a estruturação de seu *soft power*, se deve à disseminação da francofonia, que permite com que a língua francesa se faça presente em diferentes países, o que também contribui para a manutenção da presença cultural francesa no meio internacional.

⁴⁷ Texto original: « *La langue française est un outil irremplaçable de diffusion de nos idées, de notre patrimoine et de notre création. Elle n'est pas uniquement un moyen de communication. L'attrait intellectuel et culturel de notre pays et la vitalité internationale de la langue française sont étroitement liés* ».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o filósofo romeno Emil Cioran, “não habitamos um país, habitamos uma língua”⁴⁸. Assim, entendemos que cada língua é singular em seus significados, pois nenhuma é idêntica à outra. A partir dessa consideração, nota-se que língua passa a ser a portadora da identidade individual e coletiva, por ser a base cultural de todos os povos e dar sustentação para o surgimento das nações.

A língua também se apresenta como um importante mecanismo de divulgação cultural, assim, no caso da língua francesa, ela representa para a França uma possibilidade de se fazer presente em outros países do mundo, possibilitando uma prática de influência internacional. Por meio deste trabalho foi possível analisar o papel exercido pela disseminação da francofonia em relação ao nível de poder francês dentro da política internacional. O *soft power* francês está fortemente ligado à dimensão cultural do país, que utiliza esse aspecto de forma estratégica, se tornando um diferencial para se fazer presente no meio internacional.

Através da análise dos temas que foram abordados aqui, é possível constatar que a cultura é a expressão da produção simbólica dos povos e seus conhecimentos culturais são transmitidos, principalmente, por meio da língua. Assim, a cultura se torna um instrumento de poder a partir do momento que os grupos culturais podem dar e receber influência cultural por meio do processo de aculturação.

Neste trabalho, a questão francesa foi examinada, pois a França diz respeito ao país que conseguiu realizar de forma brilhante todos estes componentes destacados, sendo a francofonia precisamente o instrumento através do qual a França demonstra permanentemente este poder no sistema internacional. A Francofonia trabalha em busca da consolidação da língua francesa através de sua promoção ao redor do mundo por meio, principalmente, do incentivo à educação. A França, que também assume os interesses da língua francesa em sua política, trabalha de forma a promover a disseminação do francês, que conseqüentemente transmite os valores culturais franceses e francófonos

Portanto, foi possível apontar que a cultura, mesmo sendo considerada como um recurso intangível, se apresenta como um forte aliado nas relações internacionais por possibilitar que a estratégia de influência possa ser colocada em prática de maneira ainda mais eficaz para que o *soft power* seja exitoso.

⁴⁸ Texto original: « *On n'habite pas un pays, on habite une langue* ».

A disseminação da francofonia, deste modo, estabelece uma relação direta com a França, no que se refere ao seu alcance de poder. Pode-se dizer que essa ação passa a ser tratada pelo Estado francês como um mecanismo estratégico, pois é através dela que sua cultura consegue se fortalecer no meio internacional. Através da disseminação da francofonia, a França se estabelece em outros países, em especial, por meio de sua língua. A língua francesa passa então a ser considerada como o alicerce para que o poder francês continue se desenvolvendo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, C. L.; NEPOMUCENO, C. M. **Processos culturais**: endoculturação e aculturação. Campina Grande, PB: UEPB/UFRN, 2008.
- BALLERINI, Franthiesco. **Poder Suave (Soft Power)**. São Paulo: Summus, 2017.
- BIRAMBAUX, Isabelle. El Institut Français se renueva: una reforma al servicio del soft power. **ARI**. 92/2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CHABEUT, François. L'Aliance Française ou la diplomatie de la langue (1883-1914). *In.*: **Revue historique**, N°632. Presses Universitaires de France, 2004. p. 763-785.
- GAULLE, Charles De. **Discours et messages**. Paris: Plon, 1970.
- DEREUMAUX, René-Maurice. **L'Organisation Internationale de la Francophonie**: L'institution internationale du XXIe siècle. L'Harmattan, 2008.
- Discours de M. Jacques CHIRAC sur la politique culturelle (campagne électorale pour l'élection présidentielle). **Élysée**, 2002. Disponível em: <http://www.jacqueschirac-asso.fr/archives-elysee.fr/elysee/elysee.fr/francais/interventions/discours_et_declarations/2002/avril/fi002070.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- Discours du Président de la République, Emmanuel Macron, lors de l'inauguration du Louvre Abu Dhabi, Émirats arabes unies. **Élysée**, 2017. Disponível em: <<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2017/11/09/discours-du-president-de-la-republique-emmanuel-macron-lors-de-l-inauguration-du-louvre-abu-dhabi-emirats-arabes-unies>>. Acesso em: 27 out. 2020.
- ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. *In.*: SILVA, T. T. (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 1-11.
- FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública – RAP**, 44(2), Rio de Janeiro, 2010, p. 367-383.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (cap. II e IX).
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. (cap. IX).
- GAZEAU-SECRET, Anne. Francophonie et diplomatie d'influence. *In.*: **Géoéconomie**, N°55. Editions Choiseul, 2010. p. 39-56.
- GAZEAU-SECRET, Anne. Pour un « soft power » à la française. **ENA hors les murs**, N°399. Mars, 2010.
- GAZEAU-SECRET, Anne. Renforcer le soft power à la française en valorisant notre diversité. *In.*: **Revue Internationale et Stratégique**. N°73. Armand Colin, 2009. p. 127-130.

GAZEAU-SECRET, Anne. “Soft power”: l’influence par la langue et la culture. *In.*: **Revue Internationale et Stratégique**. N° 89. Armand Colin, 2013. p. 103-110.

GIORDANI, Rosselane Liz. **As relações de poder exercidas através do discurso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2011.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1991.

GOMES, Leandro. Fragmento das dinâmicas culturais: aculturação e enculturação. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luís, v. 5, n. 1, p. 98- 110, jan./jun. 2019.

HAIZE, Daniel. La diplomatie culturelle française: une puissance douce? **Ceriscope Puissance**. 2013. Disponível em: <<http://ceriscope.sciences-po.fr/puissance/content/part2/la-diplomatie-culturelle-francaise-puissance-douce?page=show>>. Acesso em: 23 out. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (cap. 1 e 3).

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016. (cap. 1).

IRONDELLE, B.; SCHMITT, O. France. *In.*: **Strategic Cultures in Europe: Security and Defense Policies across the Continent**. Eds.: GIEGERICH, B.; BIEHL, H.; JONAS, A. Springer, 2013. p. 125-137.

JUPPÉ, A.; SCHWEITZER, L. **Livre blanc sur la politique étrangère et européenne de la France 2008-2020**. La Documentation Française, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (cap. 3).

LAUNOIT, Jean-Pierre de. L’alliance française: um facteur de rayonnement de la culture française. *In.*: **Revue Internationale et Stratégique**, N°63. Armand Colin, 2006. p. 161-164.

L’“offre éducative à la maison” de l’OIF est “salutaire”. **Senepus Éducation**, 2020. Disponível em: <<https://www.seneplus.com/education/loffre-educative-la-maison-de-loif-est-salutaire>>. Acesso em: 27 out. 2020.

MARTEL, Frédéric. Vers un “soft power” à la française. *In.*: **Revue Internationale et Stratégique**, N° 89. Armand Colin, 2013. p. 67-76.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações Internacionais: cultura e poder**. Brasília: Funag/IBRI, 2002. p. 23-41.

MINISTÈRE DE L’EUROPE E DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES. Diplomatie culturelle: **La politique culturelle extérieure de la France**, 2015. Disponível em:

<<https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/politique-etrangere-de-la-france/diplomatie-culturelle/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MINISTÈRE DE L'EUROPE E DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES. Le réseau cultural français à l'étranger: **L'Institut français et l'Alliance française, acteurs de l'action culturelle extérieure**, 2015. Disponível em: <<https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/politique-etrangere-de-la-france/diplomatie-culturelle/le-reseau-culturel-francais-a-l-etranger/>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

NARDONE, Lina. **The soft power of big art**. University of Venice, 2018.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

NYE, Joseph S. **The Future of Power**. New York: Public Affairs, 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DA FRANCOFONIA. **A língua francesa no mundo – síntese 2018**. Gallimard, 2018.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE. **Qu'est-ce que ce la Francophonie?** 2020. Disponível em: <https://www.francophonie.org/sites/default/files/2020-02/passeport_2020_IMPRIM.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RAFFARIN, Jean-Pierre. Les défis de la Francophonie. *In.*: **Géoéconomie**, N°55. Editions Choiseul, 2010. p. 23-30.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural: Seu Papel na Política Externa Brasileira**. Brasília: FUNAG, 2011.

RISSO, Andrik Barbosa; MOURA, Sérgio Arruda de. Língua como poder de influência: o francês no cenário internacional. **Revista Transformar**. Itaperuna, v.13, nº1, 2019.

ROMANA, Heitor Barras. Da cultura estratégica: uma abordagem sistêmica e interdisciplinar. **R. Esc Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 22, nº1, p. 13-32, jan./abr. 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Ensaio sobre a origem das línguas. 3ª ed. Tradução de Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. *In.*: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SERVICE DES CONFÉRENCES INTERNATIONALES DE L'OIF. **Politique intégrée de promotion de la langue française: Le français, une langue d'aujourd'hui et de demain**, 2012.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In.*: SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SNYDER, Jack L. **The Soviet Strategic Culture: Implications for Limited Nuclear Operations**. Santa Monica: RAND, 1977.

TENZER, Nicolas. La diplomatie d'influence sert-elle à quelque chose? *In.*: **Revue Internationale et Stratégique**, N° 89. Armand Colin, 2013. p. 77-82.

VINCENT, Pierre. La France, quelle influence au XXI^e siècle? **Portail de l'IE**, 2013. Disponível em: <<https://portail-ie.fr/analysis/946/la-france-quelle-influence-au-xxie-siecle>>. Acesso em: 27 out. 2020.

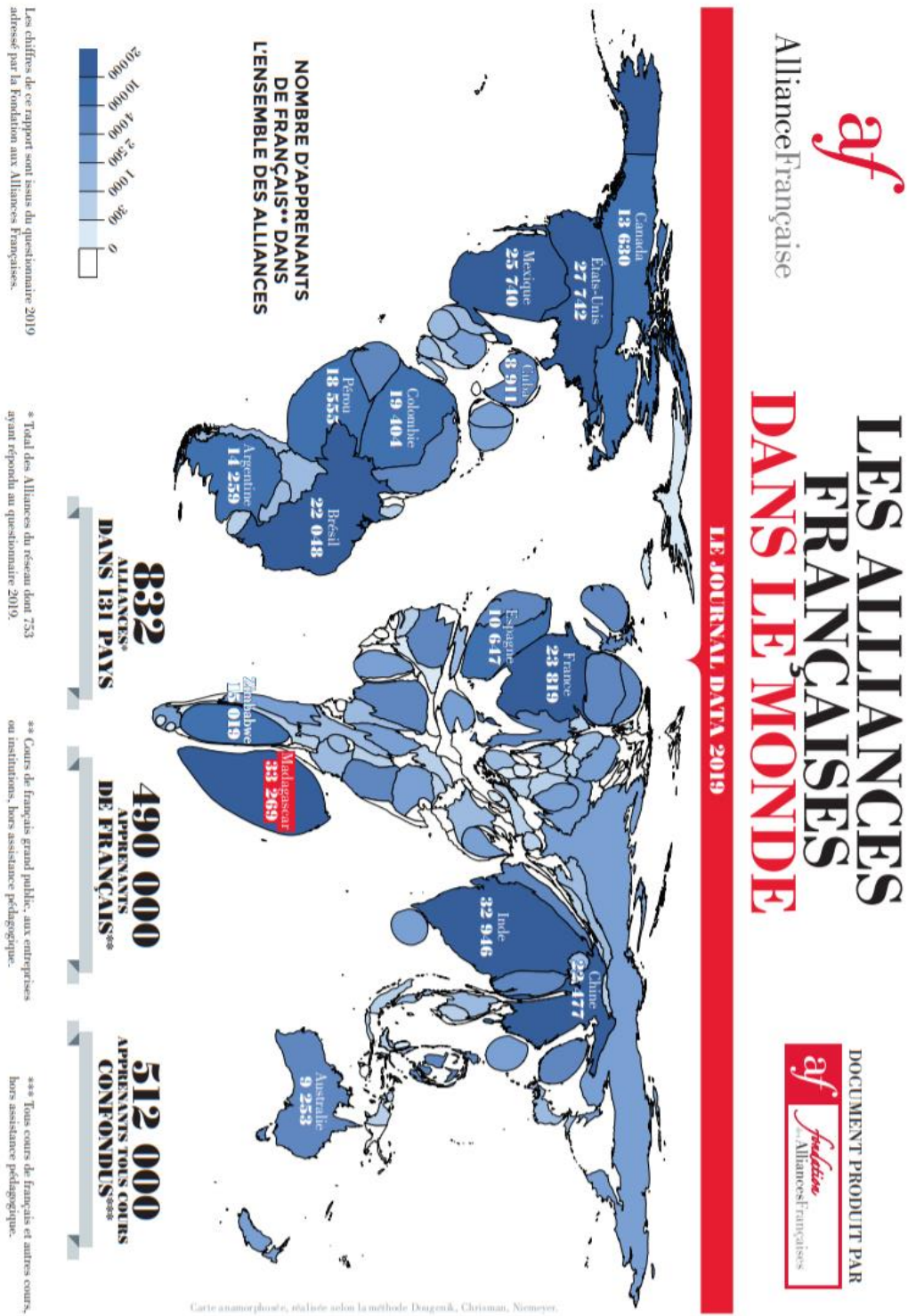
ZAMORANO, Mariano Martín. Reframing Cultural Diplomacy: The Instrumentalization of Culture under the Soft Power Theory. **Culture Unbound**. Volume 8, 2016. p. 166-186.

ZAKHAROVA, Oleksandra. **The development of National Institutes for Culture**: The Case Study of the French (Institut Français) and Russian (Russian Centre of Science and Culture) Cultural Centres. 2017.

ZARETSKY, R. The Louvre Isn't Just a Museum. It's a Power Tool. **Foreign Policy**, 2017. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2017/11/10/the-louvre-isnt-just-a-museum-its-a-power-tool/>>. Acesso em: 27 out. 2020.


ANEXOS

ANEXO A – As Alianças Francesas no mundo



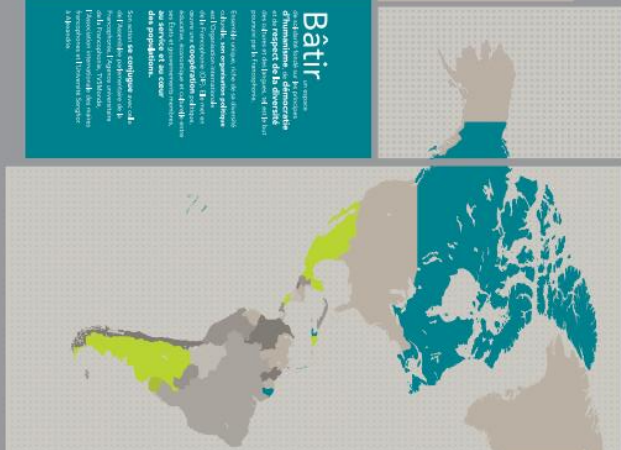
Fonte : Fondation Alliance Française, 2019.

ANEXO B – Mapa da Francofonia



Saviez-VOUS que la Francophonie est présente sur les 5 continents ?

Le français est la 5^e langue la plus parlée après l'anglais, l'espagnol et l'arabe.



300 millions de francophones dans le monde

88 États et gouvernements en 2020

Le français est la seule langue, avec l'anglais, à être parlée sur 5 continents

- 1^{re} langue sur Internet
- 2^e langue étrangère la plus apprise
- 3^e langue des organisations internationales
- 4^e langue des affaires

Carte d'identité

Organisation internationale de la Francophonie
19, rue de la Loi • 1050 Bruxelles • Belgique
15, rue de la Loi • 1050 Bruxelles • Belgique
15, rue de la Loi • 1050 Bruxelles • Belgique
15, rue de la Loi • 1050 Bruxelles • Belgique

Bâtit

Sur une base d'entente, d'égalité et de solidarité, les États membres de l'OIF se réunissent pour bâtir ensemble un monde meilleur et plus juste.

Son rôle est de promouvoir le dialogue interculturel et le respect de la diversité humaine et de favoriser la coopération mutuelle et le développement durable.

Son objectif est de servir les intérêts et les aspirations de ses membres.

Son siège est à Paris, en France.

Elle compte 54 États membres et 27 États observateurs.

54 États membres de la Francophonie: Albanie • Principauté d'Andorre • Arménie • Belgique • Bénin • Bulgarie • Burkina Faso • Burundi • Cabo Verde • Cameroun • Canada • Canada-Nouveau-Brunswick • Canada-Québec • République centrafricaine • Comores • Congo • République démocratique du Congo • Côte d'Ivoire • Djibouti • Dominique • Égypte • France • Gabon • Grèce • Guinée • Guinée-Bissau • Guinée équatoriale • Haïti • Laos • Liban • Luxembourg • Madagagascar • Mali • Maroc • Maurice • Mauritanie • Moldavie • Principauté de Monaco • Niger • Roumanie • Rwanda • Saintes-Lucie • São Tomé-et-Principe • Sénégal • Seychelles • Suisse • Tchad • Togo • Tunisie • Vanuatu • Vietnam • Fédération Wallonie-Bruxelles

7 États et gouvernements associés: Chypre • Émirats arabes unis • France-Nouvelle-Calédonie • Ghana • Kosovo • Qatar • Serbie

27 États et gouvernements observateurs: Argentine • Autriche • Bosnie-Herzégovine • Canada-Ontario • Costa Rica • République de Corée • Croatie • République dominicaine • Estonie • Gambie • Géorgie • Hongrie • Islande • Lettonie • Lituanie • Malte • Mexique • Monténégro • Mozambique • Pologne • Slovaquie • Slovincie • République tchèque • Thaïlande • Ukraine • Uruguay

54 membres de plein droit

7 membres associés

27 États observateurs

la Francophonie

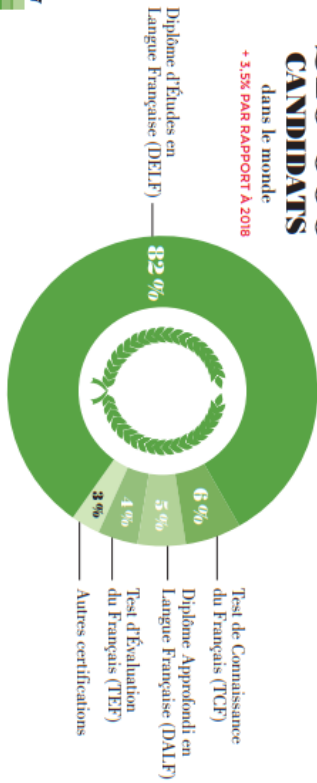
Fonte: OIF, 2020.

ANEXO C – Certificados de francés

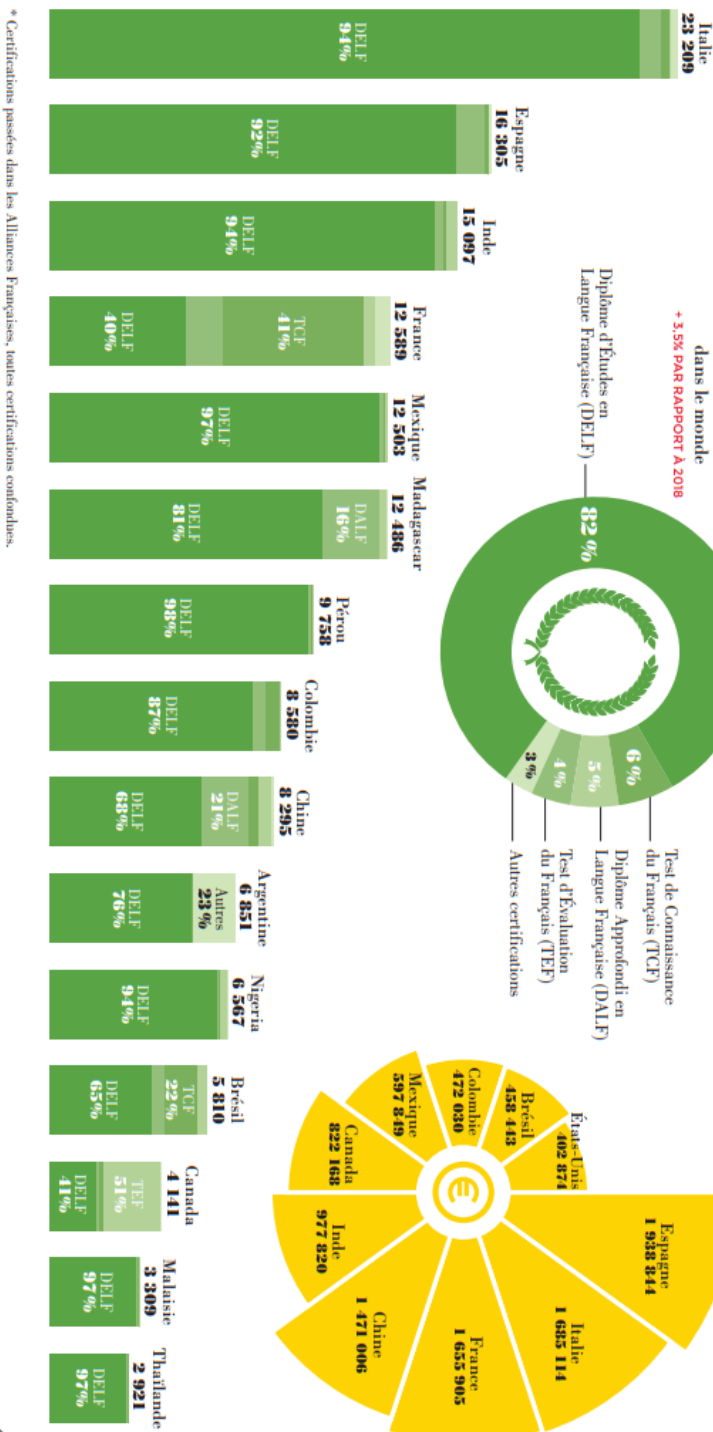
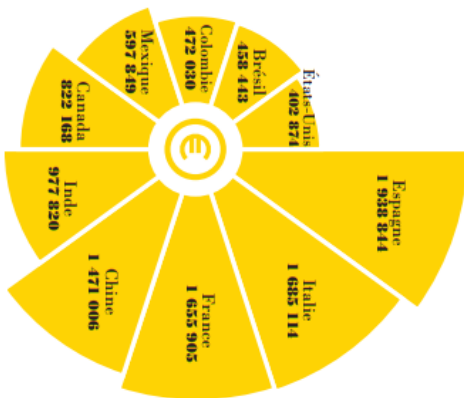
Certifications

TOP 15 DES PAYS
SELON LE NOMBRE
DE CERTIFICATIONS*

210 000
CANDIDATS
dans le monde
+ 3,5% PAR RAPPORT A 2018



RECETTES DES CERTIFICATIONS
ET D'EXAMENS : TOP 10 DES PAYS
(EN EUROS)



* Certifications passées dans les Alliances Françaises, toutes certifications confondues.